

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

POESIAS E POEMAS
DE
MUCIO TEIXEIRA

1886 - 1887

OBRAS DE MUCIO TEIXEIRA

EDIÇÕES ESGOTADAS

- VOZES TREMULAS — versos dos 15 annos, (1873) 1 vol. de 212 pags.
VIOLETAS — poesias, (1875) 1 volume de 200 pags.
SOMBRA E CLARORES — poesias dos 20 annos, (1877) 1 vol. de 300 pags.
FLÔR DE UM DIA — drama em verso, prologo e 3 actos, (1878) vol. de 150 pags.
O INFÉRNO POLITICO — (1879) primeira cãnto de um poema inédito.
CEREBRO E CORAÇÃO — (1879) poema em onze cantos, 1 vol. de 150 pags.
NOVOS IDEAES — versos sociaes, (1880) 1 vol. de 310 pags.
A VIRTUDE NO CRIME — (1881) drama em 5 actos.
MEMORIAS — (1881) primeiro vol. de paginas intimas, prefaciado pelo Dr. Pesanha Póvoa.
A CANÔA DA ESCRAVIDÃO — (1882) satyra abolicionista.
O TRIBUNO-REI — (1882) poema politico, segunda edição.

LIVROS Á VENDA

PRISMAS E VIBRAÇÕES — (1882) poesias, 1 vol. de 218 pags. edição elzeviriana	2\$000
FAUSTO E MARGARIDA — (1883) poema-dramatico, 3ª edição, elzeviriana, 1 vol. de 248 pags.	2\$000
HUGONIANAS — (1885) poesias de Victor Hugo, traduzidas por poetas brasileiros, com a biographia do Mestre e um pœma original, à sua memoria, segunda edição; 1 vol. de mais de 500 pags. edição elzeviriana	5\$000
POESIAS E POEMAS — (1886-1887) vol. de 240 pags. edição elzeviriana com o retrato do auctor	5\$000

A PUBLICAR

8 obras inéditas e a reproducção das edições esgotadas.



Mme. Sarah Wilson
Je vous envoie
avec un appareil
de votre choix
pour votre
usage personnel
Je vous prie
de l'accepter
avec toute ma
bienveillance
Mme. F. Wilson

POESIAS E POEMAS

DE

MUCIO TEIXEIRA

1886 - 1887

*Penumbras — Idyllio de Theocrito — O Cantico
dos Canticos*

SEGUNDA EDIÇÃO

ORNADA COM O RETRATO DO AUCTOR

RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL

—
1888

AOS MEUS QUERIDOS FILHOS

Alvaro e Aida



O MEU ALVARO

O que um passaro canta, uma criança papagueia. O hymno é o mesmo. Hymno indistincto, balbuciado, profundo. A criança tem de mais que o passaro o sombrio destino humano diante de si... O cantico mais sublime que se ouve na terra é o balbuciar da alma humana nos labios da infancia.

(VICTOR HUGO—Noventa e Tres).

***T**er um filho assim, é ter na terra
Um dos anjos do céu! e um céu-aberto
Limitado no lar que esse anjo encerra!...*

*Quando elle vem, tão lindo e tão esperto!
Espalhando sorrisos e brinquedos,
Bolindo em tudo quanto encontra perto...*

*Nada resiste ao toque de seus dedos :-
Nem os jornaes, de que elle faz navios,
Nem meus cigarros — de que faz torpedos !*

*Seus grandes olhos castos, errádios,
Nostalgicos, talvez, d'outra existencia,
Enchem-me a alma de clarões bravios !...*

*Encerram tudo os nadas da innocencia ;
E eu leio mais nos olhos de meu filho
Do que em todos os livros de sciencia...*

*Aquelle doce e brando e claro brilho
Dos seus olhos azues, bons, carinhosos,
Illuminam as sendas por que trilho ;*

*Aos seus vivos lampejos gloriosos
Eu retempéro as armas para a lucta
E sinto os pulsos meus mais vigorosos.*

*Temos dentro de nós alguma gruta,
Povoada de feras famulentas,
Cujo estranho rugir ninguem escuta...*

*São as aspirações vagas, sedentas,
Famintas de ideal e de utopias,
Que nos assaltam pelas noites lentas !...*

*Que seria de mim, se n'estes dias
De um prolongado inverno de tristeza
Não brilhasse este sol das alegrias ?*

*Cáio, ás vezes, em antrios de incerteza,
Quando, por elle, penso no futuro :
E vejo só o espectro da pobreza !*

*Ah ! mas com esse olhar por palinuro,
Quero vér se inda vejo-o que antevejo
Na cerração d'este presente escuro...*

Ou cegarei por vér o que não vejo !

24 de Outubro — 1886.





À MINHA FILHINHA

*Tenho medo de morrer; acobardo-me
dianie d'esta idéa, que vem a espaços
desfazer todas as minhas esperanças,
sobre tudo as que doiram o futuro de
meu filho, que é uma criança...*

(GUILHERME BRAGA — Cartas).

***D**a minha noite és a aurora,
Doce filhinha innocente,
Que ensaias risos... agora
Que eu scismo, triste e descrente !...*

*Emquanto tu balbucias
Meu nome — que a inveja insulta,
— Ao gelo das ironias
Meu tédio profundo avulta.*

*Se tu viesses mais cedo,
Como o Alvaro, ha tres annos...
Não verias meu degedo
Tão cheio de desenganos.*

*Vieste tarde : a rajada
Do meu destino é tão forte,
Que não me resta mais nada
Senão a idéa da morte !*

*Idéa atroz, que não dorme...
Nem a fé me resta ao menos !
— Assusta-me a noite enorme,
Por ter dois filhos pequenos !...*

*Ai ! se eu me conservo mudo
Quando repetes meu nome,
É que vejo o nada em tudo...
É que o tédio me consome !*

● *E o que me dóe mais ainda*
— *O medo que est' alma encobre —*
É ter nascido tão linda
A filha de um pai tão pobre !...

7 de Abril — 1887.



PENUMBRAS



O SONHO DOS SONHOS

(Ao prezado amigo Dr. Annibal Falção)

QUANTO mais lanço as vistas ao passado,
Mais sinto ter passado distrahido
Por tanto bem — tão mal comprehendido,
Por tanto mal — tão bem recompensado !...

Em vão relanço o meu olhar cançado
Pelo sombrio espaço percorrido :
Andei tanto — em tão pouco... e já perdido
Vejo tudo o que vi, sem ter olhado !

E assim prosigo sempre para diante,
Vendo, o que mais procuro, mais distante,
Sem ter nada — de tudo o que já tive...

Quanto mais lanço as vistas ao passado,
Mais julgo a vida — o sonho mal sonhado
De quem nem sonha que a sonhar se vive !...





A AURORA

(A Teixeira Bastos)

POSSO vê-la e oúvil-a, finalmente,
Senhora D. Aurora... Eu bem queria
Ha muito tempo vir pessoalmente
Cumprir este dever de cortezia,
Trazer-lhe o meu cartão modestamente.

Como sou refractario ás etiquetas,
Deixei na quente alcova silenciosa
Ao lado da cásaca as luvas pretas...
E vim beijar-lhe os dedos côr de rosa
Como quem beija um ramo de violetas.

Vibrei nervoso e cautelosamente
A campainha eléctrica, ruidosa ;
Ninguem me viu entrar, ninguem ; sômente
Sua irmã, a Estrella d'Alva, curiosa,
Sorriu-me — da janella do Oriente.

Transpuz o corredor, sem que me visse
Nenhum dos seus creados : — com certeza
Dormem ainda os preguiçosos, — disse ;
E vim assim causar-lhe esta surpresa
Tão agradável... para mim ! Sorri-se ?

Perdõe esta imprudencia. Que selvagem
Que eu sou, minha senhora ! Mas, em summa,
Eu só vim tributar-lhe esta homenagem ;
Ah ! nada tema, pois pessoa alguma
Viu-me, a não ser o seu alado pagem,

Aquelle sabiá que está cantando...
Viu-me, quando transpuz a galeria
Que dá para o jardim ; mas, mesmo quando
Elle fosse indiscreto... — o que podia
Dizer um passaro ? até mesmo um bando ?...

Sei que Vossa Excellencia não se cança
A dar ouvidos ao que dizem... Ora !
Sómente um louco ou mesmo uma criança
Poderia estranhar que D. Aurora
Recebesse um poeta... Que lembrança !

Demais, seu claro *boudoir* parece
Ter parêdes de vidro transparente,
Pois seu leito de nuvens apparece,
Atravez das cortinas do ambiente,
N'uma nudez de virgem, que adormece

Sobre a areia das praias resguardadas
Pelos juncos, que as ondas embaçam,
Qual Venus, entre espumas agitadas,
Enchugando os cabellos, que se entrançam
Nas fórmias — inda d'agua borrifadas...

Já do salão nos candelabros d'ouro
Apagam-se as estrellas scintillantes,
À cuja luz fulgura o seu thesouro
De pérolas, rubís e diamantes
Da auréola do seu noivo, o astro louro...

O sol ! — Príncipe alegre e triumphante,
Elle deve vir vindo... sim, parece
Que aquelle prisma que transluz distante,
Como um rosto de noiva que enrubêce,
Reflecte o vivo olhar do seu amante...

Bem ; agora, que tenho a f'licidade
De merecer-lhe a fina cortezia
De poder vir, com toda a liberdade,
Vêl-a — depois da noite... antes do dia...
Beijo-a : na sombra... quasi á claridade !





TU... SÓ TU!

Tu, só tu, puro amor !...

(CAMÕES)

I

DUÇAM outros as notas peregrinas
De Schubert, Massenet, ou Berlioz;
Da alma de Mozart ás cavatinas,
Do Boito ás mais phantasticas surdinas
Prefiro a tua voz !

II

Vejam outros as télas scintillantes
De Murillo, do Sanzio, ou de Makart ;
Do florentino ás deusas triumphantes,
Da Fornarina ás fórmas palpitantes
Prefiro o teu olhar !

III

Gozem outros de instantes que lhes sejam
Suaves como o orvalho é para a flôr ,
Sorriam, como os noivos que se beijam,
Que eu, a tudo o que os mais tanto desejam,
Prefiro o teu amôr !





NINHO MYSTERIOSO

Scribitur ad narrandum, non ad probandum.

TENHO um castello, escondido
No fundo d'uns arvoredos,
Occulto como os segredos
Que são compromettedores...
Lá poderei resguardar-te
Dos olhares indiscretos
D'esses eunuchos abjectos .
Que intrigam nossos amores.

Ante as marmóreas columnas
Dos altos portões fechados,
Dois leões domesticados
Passam as noites áleria ;
Ou vagueiam, lentamente,
Pelas ruas de palmeiras,
Contemplando horas incíras
A estrada larga e deserta.

Escutando, em horas mortas,
Rodar minha carruagem,
Elles abrem-me passagem,
Encrespada a juba ao vento ;
E quando desço do carro
Deitam-se, humildes, na areia,
Emquanto que uma sereia
Canta no lago, ao relento.

Lá dentro... há muita riqueza,
Ha muita cousa exquisita,
Que ninguem viu, acredita,
Mas que has de vêr algum dia :

São os secretos thesouros
Que eif herdei d'um visionario
— Que viajou solitario
Pelo paiz da Utopia...

Diante dos grandes espelhos
Dos salões alcatifados,
Verás — por todos os lados —
Teu vulfo reproduzido :
Teus risos e meus olhares,
Meus beijos e teus encantos
Múltiplicados por quantos
Não deixa vêr... teu vestido !...

Nò meu castello, escondido
No fundo dos arvoredos,
Occulto como os segredos
Que são compromettedores,
Vem depréssa resguardar-te
Dos olhares indiscretos
D'esses eunuchos abjectos
Que invejam nossos amores.



A MULHER

(Ao Conselheiro Franklin Doria)



UANDO a Mulher é bella, póde a rosa
Ser comparada á formosura d'ella ;
Nem ha na terra cousa mais preciosa
Do que a Mulher, quando a Mulher é bella!

Quando a Mulher é casta, ao vê-la, a gente
Os pensamentos máus p'ra longe afasta...
E as almas vão, n'um extasi eloquente,
Cahir-lhe aos pés, quando a Mulher é casta !

Quando a Mulher é bôa, irmã ou filha,
Esposa ou Mãe; o passaro — que vôa,
A flôr — que aromatiza, a luz — que brilha,
Tudo é melhor, quando a Mulher é bôa !

E tu, que vês na esposa virtuosa
Tão peregrinos dons, Bardo ! por ella
Vibra constante a cythara gloriosa,
A bôa e casta, intelligente e bella !





DOIS EDIFÍCIOS

(A Bethencourt da Silva)

I

PASSO sempre sombrio e silencioso e só
Por entre as multidões que se arrastam no pó ;
O confuso rumor das turbas doudejantes
Não ousa afugentar os bandos palpitantes
Das minhas illusões, que vão — de azas abertas —
A cantar pelo azul das amplidões desertas,
Onde adejam também as nuvens e os condores,
•Em fluctuante vái-vêm, boiando entre fulgores !...

Desço ás vezes o olhar nostálgico e cansado,
Ao vêr cair por terra um galho despencado
Das árvores em flor que ensombram meu caminho,
D'onde um passaro foge em busca de outro ninho...
Ouço um lamento — aonde ouvia um trino outr'ora,
Quando, ao tombar da tarde ou ao surgir da aurora,
D'aquelle mesmo ramo um passaro voava,
Ia e vinha... é pousando, alli mesmo, cantava !...

Uma vez, ao passar por um palacio aberto,
A orchestra seduziu-me e eu quiz ouvir de perto
Aquellas vibrações nervosas, violentas,
Que expiravam subtis em harmonias lentas ;
A musica tem isto em mim, como os perfumes :
Enche-me de paixões, de crenças, de ciumes,
De loucuras, de amor... de tudo o que ha de bom
E tudo o que ha de máu : abre-me o Pantheon,
E atira-me, depois, dentro d'um cemiterio...
Falla-me pela voz profunda do mysterio...
Vejo Osorio, apertando a mão dos veteranos ;
E Alvares de Azevedo expirando aos vinte annos !...

Entrei pelos salões de estatuas povoados,
Respirando offegante aromas amornados ;

Vi flôres e crystaes sobre opulentas mezas,
Um-dilúvio de luz a espadañar surpresas !...
Mulheres ideaes de fórmias peregrinas,
Afogueando ao calor das bôccas purpurinas
A alvura glacial das taças scintillantes,
Cheias a transbordar de vinhos espumantes...

E no altivo solar do orgulho e da vaidade
O *D. Juan* do Prazer beijava a Ociosidade !

*II

Desviei, silencioso, o meu olhar austero
D'essa imagem pagan das saturnaes de Néro ;
Afastei bruscamente o reposteiro ; e ia,
Triste, sombrio e só, descendo a escadaria,
Quando avistei ao longe o templo do trabalho,
Onde uns abrem o livro, outros erguem o malho.

Que allívio !... Como é bom passarmos de repente
De um ruidoso salão a transbordar de gente
Para uma sala extensa e larga e arejada,
Com janellas p'ra o mar e flores para a estrada !...

Como eu me sinto bem na habitação modesta
Onde batem de manso os corações na festa
D'essa alegria calma, íntima, forte, sã,
Dos que semeiam hoje os fructos de amanhã !...

Aquella habitação, fechada noite e dia
Á ostentação, que humilha ; ao gozo, que esfastia ;
Abre-se para a luz : — é como que uma ponte
Por onde as almas vão de Christo a Augusto Comte :
Da crença á convicção, da fé ao raciocínio,
Cheias de aspirações, — como um repleto escriptorio
Onde os raios do sol firmam no mesmo instante
A esmeralda, o rubim, a opála, o diamante !

É lá dentro que estão, alegres, as crianças,
Que são de tantas Mães tão vivas esperanças,
Recebendo lições e vendo, com surpresa,
O que a sciencia mostra em toda a natureza.

E a mulher — essa luz do céo, que nos fascina, —
Quando esposa — sagrada ; e quando Mãi — divina !
A mulher tambem acha alli o seu logar,
Para bem completar sua missão no lar.

E foi sobre um montão de heroicos sacrificios
Que te ergueram á luz, Lyceu de Artes e Officios...
Mas de pé ficarás, altivo a olhar p'ra tudo :
Tendo a um lado — o Trabalho, ao outro lado — o Estudo !





A LORD BYRON

Anch'io son pittore!

DE um manso lago a superficie calma
— Ferida pela sétta sibillante —
Mil círculos desenha n'esse instante,
Ferve, borbulha... mas por fim se espalma.

Ha um lago, porém, que não se acalma,
Que nunca mais reflecte o azul distante
Desde que n'elle a aresta d'um diamante
Fere o crystal, que vibra... É a noss'alma !..

Comprehendo-te, Byron ! — Forasteiro
No teu proprio paiz, — o mundo inteiro
Percorreste, sombrio, a largos passos...

Cantaste, dos baldões aos tiroteios :
Ah ! mas uma princeza — abriu-te os seios !
De um povo a liberdade — abriu-te os braços !..





O AMOR

I love and hate her.

(SHAKESPEARE — *Cymb. III, 5*).

Quando o amor se prende a um ser único, atinge então tal intensidade, tal grão de paixão, que, se não pôde ser satisfeito, tôdos os bens do mundo e a própria vida perdêm o seu valor.

(A. SCHOPENHAUER).

O Amôr ! — esse prodígio mysterioso
Que ora nos torna uns grandes desgraçados,
Ora nos leva — em extases sagrados —
A um céu aberto, a transbordar de gozo !

O Amor ! o Amor... a esplendida loucura
Que nos deixa a sorrir como crianças...
Enchendo a minha mente de esperanças
E alagando-te os seios de ternura !...

O Amor, que fez Camões morrer de amores
E solitario andar por entre a gente,
N'esse contentamento descontente...
Em que vivia — cégo de esplendores !...

Essência — que embalsama todo o espaço ;
Relampago — que fulge a todo o instante ;
Visão divina, — a Beatriz do Dante !
Sonho de um louco — a Eleonor do Tasso !...

O Amor nos faz cantar mesmo gemendo...
Bandido ! que nos fere e nos soccorre ;
O Amor... o Amor é a vida de quem morre
Por viver d'essa morte revivendo !...

A virgem, que n'um sonho vaporoso
Vê passar, de um exercito seguido,
Um guerreiro, inda moço, mas ferido,
Morrendo aos sons de um hymno victorioso...

Ou então, n'uma noite constellada,
Fica no ermo, a sós com seu poeta,
Que lhe recita a estrophe predilecta,
Ambos sob a folhagem da ramada...

A noiva, que se entrega vergonhosa
- Às supplicas do noivo allucinado ;
Quando o pudor palpita, arrebatado
N'uma vertigem negra e luminosa...

N'essa lucta suprema e sem repouso,
Sentindo muita sêde e muito medo,
Quando os olhos conversam em segredo,
Dizendo o que co'a voz dizer não ouzo !...

Os amantes, que se olham insofridos,
Temendo tudo — e tôdos provocando
No mais rapido olhâr, de quando em quando,
Sentindo que se sentem sem sentidos !...

Prolongando n'um beijo uma existencia,
N'outro beijo esgottando a vida inteira ;
Sem nunca se fartar d'essa maneira
De viver a morrer n'essa vehemencia !

Pedindo ao céu que as horas passem breves,
Sómente emquanto esperam encontrar-se ;
Maldizendo do céu — por separar-se
Sem perceber que as noites correm leves...

E *ella*... ter de mostrar-se indifferente
Ao olhar d'*elle*, ao vêr outros olhares :
Quando sabem os céos e terra e mares
O que saber não deve a sabia gente...

Oceano — que se agita na procella !
Sonho — que se desmancha em pezadelo !...
Meu Amor ! pois, se é meu, devo escondel-o ?
É que — sendo só meu — é todo d'*ella* !...

Amigo — que nos salva... nos perdendo,
Bandido — que nos fere... e nos soccorre...
O Amor ! o Amor é vida de quem morre
Por viver d'essa morte revivendo !





PURPURA NEGRA

(A Alfredo Falcao)

SOBRE o *divan* de purpura sombria
O Sultão, a fumar, scisma contente
Na flôr mais peregrina do Oriente,
Que ha de essa noite perfumar-lhe a orgia...

Quando, porém, o eunucho lhe annuncia
Que a noite tem cabido lentamente,
Core-se o reposteiro... E de repente
Brilham na sombra os olhos da Judia !

— Vem ! — « Não irei ! Prefiro a sepultura
« Aos beijos de uña bôcca sem ternura,
« Aos amôres de quem não sente amôr ! »

Degolou-a o Sultão !. E com furor
Deflorou-a nas ancias da agonia
Sobre o *divan* de purpura sombria...





O RELOGIO



(Ao meu amigo Dr. João Henrique Vieira da Silva)



Ever! Never!
(LONGFELLOW).

Es una verdad que parece sueño.
(ZORRILLA).

QUER vogue na amplidão a lua silenciosa,
Quer seja escura a noite e a praça erma e sombria,
Ouve-se sempre, sempre ! aquella voz saudosa,
Como se alguém gemesse em horas de agonia.

É o relógio da torre, imperturbavel, triste,
Sentinella-perdida, alerta no seu posto ;
Parece um olho aberto a tudo quanto existe,
Monge a pestanejar, sem que desvie o rosto...

Quem passa por alli, ás vezes, estrêmece
Ante o nada de tudo : — a unica verdade :
É que o tempo se encurta á proporção que cresce...
E a esperança, por fim, transforma-se em saudade !

É o relógio da torre, alli na tréva densa,
Move tranquillamente o pêndulo pesado ;
Fazendo-nos lembrar a funebre sentença
Lida n'uma prisão, diante do condemnado !

Parece-nos até que uma visão dantesca
Sopra a trompa fatal de Ernani ao nosso ouvido...
E que nos corações de Paolo e de Francesca
Range ainda o punhal do tragico marido !...

É que o velho relógio, altivo e só na torre,
Diz a rejs e plebeus, a Lucrecias e Venus :
— Tudo passa ; isto é pó ; tudo que vive morre...
Cada instante de mais é um instante de menos ! —

E fica sempre alli, sem que ninguem se afoite
A esperal-o de pé... se nem o sol o espera !
O sol é o olhar do dia, elle é o olhar da noite...
E impera no Occidente e no Levante impera !

A criança, a donzella, o velho, o moribundo,
Viu-os nascer, sonhas... para morrer um dia !
E imperturbavel, calmo, o seu olhar profundo
Vendo tudó o que vê — nada vê do que via...

Symbolo da verdade : a nossa vida inteira
Jaz limitada alli n'um limitado espaço ;
Erguemo-nos á luz ao tempo em que a poeira
Ri-se, talvez, de nós... seguindo-nos o passo.

E enquanto a morte afia a fouce fria, adunca,
Com que nos vem ferir mais tarde fatalmente,
A alegria, a voar, passa — e não volta nunca...
— *Nunca!* — diz o relógio: é — *sempre* — espera a gente!...





NUMERO DOS NOCTURNOS

(Ao amigo M. Cotta)

TIVE esta noite um sonho
Funebre, extravagante :
Era um baile de máscaras,
Onde encontrei uma esquecida amante.

Offereci-lhe o braço,
Emquanto os mais, voando,
Iam, aos sons da musica..
E assim fomos alegres passeando.

N'um angulo da sala
Parou a feiticeira
E, levantando a máscara,
Deixou-me vêr... horrôr : — uma caveira !

Quando acordei, os sinos
Dobravam lentamente...
E eu lembrei-me em silencio
D'essa mulher que amei antigamente !...





ÁRVORE FUNESTA

(A Carlos Ferreira)

I

DA árvore fatal da minha vida,
Que eu vi tão cedo rebentar em flôr,
Deitou-se á sombra a Musa, enlanguecida,
E sonhou, sem dormir, sonhos de amôr !

E da árvore em flôr por entre as franças
Suspiravam as brisas dos sertões :
Chegavam, a voar, as esperanças...
Pousavam, a cantar, as illusões !...

II

Mas o vento espalhou pelos caminhos
Os aromas e sons... De cada flôr
Rebentou um espinho : e dos espinhos
Brotou um fructo venenoso — a dôr !

E da árvore, então, por entre as franças ·
Sibillavam, crescentes, os tufões :
Voavam, a fugir, as esperanças...
Cahiam, a tremer, as illusões !...

III

E da árvore á sombra, nas devezas,
Sonhava a Musa — exposta ás tempestades :
Voavam, assustadas, as tristezas...
Pousavam, silenciosas, as saudades !...

Cahiu mais tarde o temporal medonho,
A árvore esfolhou-se... De tal sorte
Passou a Musa, sempre entregue ao sonho,
Do ermo da vida á solidão da morte !

IV

Ó mulheres, que andaes pelas devezas,
Ó moças, què scismaes nas sojedades :
Passai, — que ahi só pousam as tristezas...
Fugi, — que ahi pernoitam as saudades !...

— Jaz, agora, sem folhas e sem flôres,
Mas sempre erguido, o tronco solitario,
Que foi outr'ora o ninho dos amôres
Do coração° de moço visionario !

V

Como grúpos travêssos de crianças
Que apedrejam as aves dos sertões,
A intriga — afugentou-me as esperanças...
A inveja — espavoriu-me as illusões !...





O FIGURINO E A ESPADA

(A Mendonça Cardoso)

Sinite parvulos venire ad me.
JESUS CHRISTO.

FU sou quasi criança ao lado das crianças,
Esses anjos do céu — que passam pela terra
A trazer-nos a paz n'esta existencia em guerra,
Onde vão de vencida as nossas esperanças.

Como é boim conversar ácerca de mil nadas
Com essa multidão de crédulos attentos,
Que nos mostram no olhar os seus deslumbramentos,
Pensando noite e dia em príncipes e fadas !...

Gostam tanto de ouvir contar historias... tanto !
E é tão fácil, por fim, fazer-lhes a vontade,
Que todo o que tiver um filho, ao menos, ha de
N'isso tudo — que é nada — achar um novo encanto.

Eu tenho uma sobrinha, um sonho florentino,
Que bem cedo ha de ser um anjo entre as mulheres !
E homem, ao sahir, perguntei-lhe : — « Não queres
Outra boneca ? » — *Não... Eu quero um figurino !* —

N'isso, ouviu-se lá dentro uma infantil risada...
E o Alvaro, a correr dos quartos para as salas,
Gritava-me : — « *Papai ! hoje eu não quero balas...
Vou guardar meu tostão p'ra comprar uma espada !* »





A CRUZ DE ATALA



(A Cesar Raposo)



QUANDO te vi, mancebo, á vez primeira,
Esta cruz scintillava no meu seio
Á frouxa claridão d'uma fogueira...
Que prazer que eu senti ! que doce enleio,
Quando te vi, mancebo, á vez primeira !..,

N'esta cruz esbatiam-se, trementes,
Da fogueira sinistra os reverberos,
E de teus olhos fundos, pacientes,
Uns lampejos nostálgicos, severos,
N'esta cruz esbatiam-se, trementes.

É esta cruz a unica riqueza
Que possui Atala, Deixando a vida,
Deixo-a em teus braços, nos seus braços presa;
Conserva-a, que da amante estremeçada
É esta cruz a unica riqueza !..

Foi collocada aqui, no meu pescoço,
Por meu pai, que por mim saudoso chora,
Talvez pensando em ti, errante moço ! ..
Pela mão — que beijavamos outr'ora —
Foi collocada aqui no meu pescoço.

Lego-t'a, meu irmão, como lembrança
Do nosso triste amôr immaculado ;
Podesse encher-te a vida de esperança
De um futuro melhor, qual do passado
Lego-t'a, meu irmão, como lembrança !..

Nos transes dolorosos d'esta vida
Ella te ha de ensinar a ter coragem ;
Illuminando a sômbra indefinida
Da noite de tu'alma de selvagem,
Nos transes dolorosos d'esta vida.

Cumprirás o meu ultimo pedido ?
Cumpres, não é?... Pois bem : quando pensares
Em mim, pensa no martyr — estendido
N'esta cruz !... Toda vez que o adorares
Cumprirás o meu ultimo pedido.

Este é o Grande Espirito ; eu não minto...
Ai !.. que sinto o veneno em mihas veias
Inflamado correr... que fogo eu sinto !...
Se te fallarem de outro Deus... não creias :
Este é o Grande Espirito, eu não minto !...

Nas crystallinas aguas do baptismo
Banha a fronte altaneira, meu amante,
Que um céu aberto, em vez de fundo abysmo,
Has de vêr reflectido n'esse instante
Nas crystallinas aguas do baptismo.

Eu não posso pedir-te um juramento,
Mas exijo de ti uma promessa.
Adeus ! És livre, mas... n'este momento...
Morro, com esta idéa na cabeça :
Eu não posso pedir-te um juramento !...





SERENATA

Où va l'homme ? où son cœur l'appelle,
L'hirondelle suit le zéphyr,
Et moins légère est l'hirondelle
Que l'homme qui suit son désir.

(ALFRED DE MUSSET).*

I

SE tu me visses sonhando,
Sonhando sempre contigo,
Querias andar voando,
Voando sempre commigo ?
Querias ?...

Falla, criança ! responde,
Se nos meus vãos sonhasses
E nos teus sonhos voasses,
Aonde irias ?
— Aonde ?...

II

Irias ter a Sorrento,
Minha madona ideal ?
N'uma gondola ao relento
Sobre as aguas do canal...
— Irias ?...

Falla, criança ! responde,
Se nos meus vãos sonhasses
E nos teus sonhos voasses...
Aonde irias ?
— Aonde ?...

III

Á Italia? sim! que é a terra
Das mais ardentes paixões;
Aonde o Amor tudo encerra:
Musicas, beijos, vulcões!..
Não rias...

Anjo da crença e da fé!
Se nos meus vôos sonhasses
E nos teus sonhos voasses,
A' Italia irias...
— Não é?...





À SARAH BERNHARDT

(Recitada na noite de sua festa artística no Rio de Janeiro)

FIL-A diante de nós, ó povo brasileiro,
A Mulher que assombrou o velho mundo inteiro !
E que espalhando gloria e luz por toda parte
Se ostenta como um sol no firmamento d'Arte !...

— Esplendida visão dos ideaes modernos !
Tu, que roubaste o fogo aos antros dos infernos
E o gelo ás creações da antiga estatuaria,
Peregrina do genio ! — errante e solitaria

Pelas plagas da terra, onde andas foragida,
— Cançada de buscar uma rival em vida —
Já que só tens irmãos, émuloz e rivaes,
Na necrópole abertá aos mortos immortaes...
Que vieste fazer á terra das montanhas ?

Vêr as cousas ideaes, phantasticas, estranhas,
De um mundo inda não visto? Ou quizeste offuscar
O nosso sol — co'a luz dos sóes do teu olhar?...

Eu dizia commigo, a sós, nas solidões,
Quando ouvia cantar as aves dos sertões :
« Não póde haver no céo musicas mais suaves
Que o gorgueio subtil das palpitantes aves... »
Mas ouvi tua voz : — e percebi então
Que ha musicas assim... só no teu coração !

Povo ! eu tenho applaudido, em silencioso pasmo,
As fortes explosões do sagrado entusiasmo
Com que tens te atirado, exánime, sem pulso,
Aos pés d'esta Mulher : como o jaguar convulso
Que lambesse a ferida, a rolar, no deserto,
Com a sétta fatal no largo peito aberto.

É a força subjugada á sombra da fraqueza.
Os homens, o valor ; e a mulher, a' belleza,
N'uma lucta sublime, um duélo sem morte,
Onde o bello se impõe ás ovações do forte !...

E sobre todos paira o anjo da victoria,
Pois todos vemos n'ella : — o Genio, a Arte, a Gloria !

Ao vêr essa Mulher, que passa triumphante,
Eu me lembro que a lua, além, de tão distante,
Tambem encrespa o mar em noites transparentes,
Agitando-lhe, calma, as líquidas correntes...

E ao satélyte frio, envolto em leves brumas,
O mar atira, exausto, um turbilhão d'espumas !...

Salvé ! Mulher sublime, assombro do proscenio !
Salvé ! Povo feliz, que vês de perto. — o Genio !...





PRIMEIRA AUSENCIA

PORQUE não vejo os olhos seductores
Que me ferem a vista quando os vejo?
E os seios, onde dorme o meu desejo,
N'um leito de perfumes e de ardores ?...

Onde dos labios rubros os liceres,
Que embriagam no extasi de um beijo?
E essa volupia, disfarçada em pejo,
Das horas em que mostra — só primores !...

— *Sou tua!* — ella me disse : e n'esse instante
Deu-se-me em corpo e alma, delirante,
Por me vêr doudo por seguir-lhe os passos...

Deu-se-me assim... para roubar-me a calma :
Pois, tendo-a dia e noite na minh'alma,
Não posso têl-a sempre nos meus braços !





ONDE SE LÊ... LÊA-SE...

(A Felix Ferreira)

ESTÃO lendo as crianças,
E o mestre tósse e ralha, sem cessar ;
— Escuto cá de fóra o soletrar,
Como um vago rumor de cousas mansas.

Eu paro e depois sigo
Pela margem do lago : — é primavera ;

Ao longe, o louro cannávia! antigo
Treme ao vento subtil que o refrigera,
Como as noivas nos extasis de amores.

Estende a Natureza pelas selvas
Frescos lençóes de flôres
Sobre cõxins de aveludadas relvas...

Essencias e fulgôres
Boiam no ar e passam abraçados,
Como casaes de alegres namorados
Que pensam não ser vistos por ninguem.

Inda eçuto d'aqui o soletrar,
Como o zumbir vibrante d'um enxame
De vêspas, revoando n'abelheira...
E o zangão a mordêl-as, sem voar...

Eu solétro tambem !...
Ah ! mas d'outra maneira,
Pois já lêio por alto — e fiz exame ;
E se fui reprovado... é porque o lente,

Além de impertinente,
Temia que eu tirasse a tal cadeira...

Solétro a eterna pagina secreta
Do livro sem igual, maravilhoso,
De um velho sabio : — Deus !...

Que estylo poderoso !
Onde se encontram versos de um poeta
Mais bellos e suaves
Que o gorgieio das aves
Voando á tarde pelo azul dos céus ?

Que hypérbole arrojada de obra prima,
Com as azas phantasticas da rima,
Vôou mais alto do que as aguias vôam ? ..

E que onomatopéas — que atordôam !

Ah ! mas agora vejo, aqui no texto,
E mesmo nas gravuras,
D'esta vasta edição da Natureza,

Cousas graves, em páginas obscuras,
Erros de palmatória ;
Não citando arcaísmos... que n'um cesto
Não sei se os metteria com certeza.

Porque hão de rebentar sempre os espinhos,
No pedune'lo das rosas ?
Porque dormem os passaros, nos ninhos,
Mesmo ao pé das cavernas tenebrosas
Onde rugem as feras?...

Porque ha dias de chuva e tempestades
Em plenas primaveras ?
Porque sentimos nós tantas vontades,
Vivendo tão sujeitos
Á tanta gente e a tantos preconceitos ?..

Porque foram as pérolas lançadas
Á profundez dos mares,
Quando nas recepções das embaixadas
Eu peixes nunca vi... nem sem collares?...

São ligeiros descuidos orthographicos
Do incançavel auctor da... Creação ;
Pódem ser simples erros typographicos,
Eu não digo que não.

Quem não faria tanta cousa chata
Em *sete dias* só?... Meu Deus! que pressa!
— Mas o livro é tão bom, que eu sentiria
Uma grande alegria
Se houvesse uma outra pagina : e se n'essa
Eu encontrasse... a *Errata*!





RIVAL DE PENÉLOPE

Es d'uma fina distincção radiosa ;
Mas a minh'alma fôge do teu lado
Receando que o vérme do peccado
Lhe sugue o mel das pétalas de rosa...

És a estrella funesta e mysteriosa,
De que resta um lampejo avermelhado
N'um pedaço da noite do passado
Da minha vida curta e tempestuosa !...

Quando passas altiva, nem presumes
Que ha quem chore (que amor ! e que ciumes) !
Por vêr... que te não vê como te eu via !...

Penélope gentil, vaidosa e rude !
Váis a teia invisível da virtude
Tecendo e destecendo noite e dia...





IN TERMINIS

Ganz spat, nachdem die Theilung langst geschehen,
Naht, der Poet, er kam aus weiter Fern' ;
Ach, da war überall nichts mehr zu sehen,
Und alle hatte seinen Herm.

(SCHILLER — *Die Theilung der Erd.*)

DEUS, quando viu completa a humanidade, outr'ora,
Disse-lhe: « O mundo é vosso ; é repartil-o agora. »

Correram n'esse instante as virgens e as crianças,
Em busca de illusões, de crenças, de esperanças.

As mulheres, então, encheram com presteza
De mysterios a alma e o corpo de belleza.

A mocidade, forte e audaz e allucinaã,
Lançou-se atraz de tudo — em tudo vendo o nada !

Os velhos, tropeçando ao peso atroz dos annos,
Mal poderam colher lições e desenganos.

Entregaram-se ao vento os rudes marinheiros,
Expostos dia e noite a rijos aguaceiros !...

Via-se o lavrador a semear as terras ;
Coróáram-se os reis... começaram as guerras !

Muito tempo depois da terra partilhada,
Vem de longe, a cantar, um homem pela estradã...

« O meu quinhão? » — Pois que ! só vens buscal-o agora?
« Eu andava, Senhor, perdido lá por fóra,

« Cantando o teu poder ; e em mystica cegueira
« Admirava o Creador na criação inteira ! »

— Poeta ! os teus irmãos levaram tudo, tudo !... —
O visionario ficou alguns instantes mudo :

« Pois bem, já que não ha mais fructos nem mais flôres,
•« A quem deste, meu Pai, as lágrimas e as dôres ? »

— Pedes-me justamenté o que ninguem queria. —
« A propria morte, ó Deus, de ti — eu bemdiria ! »

— Dou-te a dôr e a morte. Ah ! mas terás, depois,
A eternidade e o céu. —

E afastaram-se os dois...





CORTEJÓ EM GRANDE GALA

(À Exma. Sra. D. Ambrosina C. de Menezes)

LUZIDOS batalhões e inquietos regimentos
Se estendem pela praça á luz do meio dia;
Nas armas d' aço fino esplendida irradia
A claridão do sol n'uns ímpetos violentos.

Ao clangôr dos clarins e ao rufo dos tambôres
Desdobram-se no azul as triumphaes bandeiras;
E á frente da legião das bellas vivandeiras
Passa a Princesa Ideal, entre ovações e flôres!...

Assim também eu fórmo os meus alexandrinos,
Vendo-te atravessar um anno mais de vida :
E rompe em honra tua a orchestra de meus hymnos !

Bella, como Rachel no grupo das crianças,
Da existencia transpões a quadra mais florida,
Entre os filhos e o esposo, — o amôr e as esperanças !





A UMA SENHORA CATHOLICA

Pulvis, cinis et nihil.



VOSSA Excellencia perde inutilmente
Seu precioso tempo em discutir commigo
Questões de fé; no entanto, eu me confesso *um crente* :
Porque *creio no nada...* e as cousas investigo.

Tudo o que existe eu considero eterno,
Mas tudo é submettido ás leis do transformismo ;
Ha chuvas no verão, o sol brilha no inverno ;
E a flôr, que se abre á luz, nasce tambem no abysmo.

A Duvida levou-me de vencida
Pela escura extensão de um árido deserto :
Sei que a Transformação me espera ao fim da vida...
E sinto sempre a Dôr — a me seguir de perto !

É bem feliz quem crê n'outra existencia ,
Onde a Virtude encontra o merecido premio ,
Sendo o Vício punido; e eu sei, Vossa Excellencia
D'esses fieis está no religioso gremio.

Eu não pertença a gremio algum; trabalho
Por dar aos filhos meus o exemplo do meu nome ;
E tudo quanto aspiro e tudo quanto valho
É só por altruísmo. A crença abandonou-me...

Dirão, talvez: « Que excêntrico ! que louco ! »
E eu sonde a profundez do mar por onde vógo ...
É que analyso tudo: — e acho tudo tão pouco ...
Que só no tédio emfim é que eu me desafógo !

Deve ser realmente delicioso
Acreditar n'um céo — illuminado e vasto —
Aonde võe, a cantar, o bando glorioso
De Archanjos... e onde o Amôr seja perenne e casto !

Devê ser muito bom pensar que a vida
É o dormir — a sonhar — da incauta humanidade ;
Que do sonho voraz da noite mal dormida
A gente, ao despertar, entra na eternidade !

Mas eu não posso crêr nessas chyméras ;
Myrrhou-se-me na alma a flôr das alegrias :
Flôr — que tanto reguêi de lagrimas sinceras
Ao vê-la sobre o gelo, exposta ás ventanías !...

O Desalento é noite de geada.
Onde úiva como um cão o vento da descrença ;
Rasga mais tarde o sol as brumas da alvorada,
Mas brilha e não aquece : — é uma ironia immensa !

É bem cruel, bem triste, bem pungente
Vêr que não se vê mais que cinza, pó e nada...
Crêia, eu não posso crêr que a existência presente
Venha a ser n'outra vida, ao menos, lembrada.

Tudo acaba no chão do cemiterio ;
Embora tudo, ahí, reviva em séres vários ;
A Sciencia invádiu a Noite do Mysterio...
Do craneo de um atheu fazem-se relicarios !



ESCRINIO POR ESCRINIO

“ **A**BRISTE aos olhos meus, rapidamente,
Um escrínio de pedras fulgurantes ;
E sem pena de supplicas constantes
Fechaste-o, caprichosa, de repente... »

Assim *elle* te disse... E *elle*, que mente,
Não mentiu d'essa vez... Pobres amantes !
Que nem sonham que são esses instantes
As horas de prazer que tem a gente !...

— Dêste-me o teu escrínio precioso ;
E ambos, rindo do triste sem repouso,
Deitámos fóra as pedras e os collares...

De que servia aquelle escrínio cheio :
— Se tu tinhas de amôr vazio o seio...
Se eu só queria vêr os teus olhares ?





TRAGEDIA NO OCEANO

(Á memoria dos 120 náufragos do paquete *Rio Apa*)

Senhor Deus dos desgraçados !
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se é mentira... se é verdade
Tanto horror perante os céos?!..

(CASTRO ALVES).

Como ao riço soprar das ventanias
Os mortos boiam sobre as aguas frias !

(FAGUNDES VARELLA).

A duvida de Hamleto, a duvida suprema
Dos que tentam vencer esse fatal dilemma
Do sêr e do não sêr ; — a enervante ironia
Que ás gargalhadas ri, num chôro de hystéria ;

A febre que nos mina e que não tem remédio,
A insomnia, o desalento, o desespero, o tédio...
— Eis o mal que lateja e cresce surdamente
No afflicto coração da inconsolavel gente
Que entregou as porções mais charas de sua vida
A esse Navio-Esquife! — a máchina homicida
Que houve quem atirasse á solidão deserta
Do mar — que não é mais do que uma cova aberta:
Onde o mastro é a cruz, e os ventos os coveiros,
Que passam, a cantar, por entre os derradeiros
Estertores e ais dos náufragos: — que rolam
Na revôlta extensão das vagas, que se empolam
E saltam, rebentando... e fervem, marulhosas,
Espumando e rugindo, em convulsões teimosas;
Ora erguendo-se ao céu, em líquidas montanhas,
Ora se retrahindo ao fundo das entranhas
Do immenso abysmo em tréva, escancarado, eterno,
Onde ha monstros! onde ha vulcões! onde ha o inferno!...

Eu naufraguei: eu posso imaginar horrôres!
Posso pintar ao vivo as explosões de dôres,
Os preságios, o espanto, a rapida esperança
Que surge, p'ra mais fundo ir enterrando a lança
Do mêdo, do terrôr, — d'essa mortal tristeza

Que nos invade a alma em face da certeza
De um perigo imminente, horrível, sobrehumano,
Vendo tão longe o céu... e tão vasto o oceano !...

Estou vendo a correr d'um para o outro lado
Um pequeno, que ri, vendo o pai espantado...
Outro, que pede á Mãe um doce — no momento
Em que ella crava mais o olhar no firmamento !...

É horrível de vêr-se a náu desarvorada :
A corda, que rebenta ao chόque da lufada,
Sibilla, estalla, zune... O panno, que se rasga,
Tem não sei quê da voz da féra que se engasga
Com os ossos da presa, enquanto rugé, rouca,
Sentindo-a espernear por lhe fugir da bόcca !...

Estoura o raio !... estoura a embarcação !... estoura
A onda — que de espuma o firmamento doura !...

— Empina-se o návio — e range surdamente...
Cái o mastro, esmagando uma porção de gente !

Uma vaga, que lambe a prôa, cospe n'agua
 O homem do leme... uma outra inunda a viva frágua...
 Oh !... rebenta a caldeira em nuvem de estilhaços !...
 Uns — nem soltam um ai... outros, ficam sem braços,
 Sem olhos, sem saber da esposa idolatrada,
 Do filhinho gentil, da Mãi — que de assustada
 Nem podia rezar...

Já ninguém mais se entende...

E um côro sem igual de supplicas se estende
 Da vasta solidão dos implacaveis mares
 A' vasta solidão dos insensíveis ares !...

Aonde está Deus? — Não sei...

Ah ! mas se Deus existe

Como é que elle não vê aquelle quadro triste,
 Horrível, monstruoso ? !... Esse naufrágio bruto
 Que a tantos leva a morte e a tantos traz o lucto !...

Como é triste morrer de um modo tão pungente
 — A virtuosa Mãi, o filhinho innocente,
 O esposo honrado e bom, a esposa casta e bella,

E a virginal irmã — que a virginal capella
Ostentava, gentil, tão cheia de esperanças !... ,

E os bandos infantis das tímidas crianças,
Com lagrimas na falla e supplicas nos olhos,
Que a onda arrasta... atira, esmaga nos escolhos !...

Ha um confuso lutar, como as visões d'um sonho...
E tudo se afundou n'um turbilhão medonho !...

Mas nem todos ahi morreram n'esse instante ;
Para maior angustia e dôr mais lacerante,
Dizem... é espantoso! — e dizem a verdade :
Que rolaram do mar na immensa soledade,
Dia e noite a lutar — luctando tantos dias —
Uns míseros, que após tão lentas agonias
Deram á costa... e lá, de todo abandonados,
Uns morreram á fome... outros — apunhalados !...

O cão, que encontra o cão ferido em seu caminho,
Lambe-lhe o ferimento e leva-o com carinho ;

A formiga, que vê as outras esmagadas,
Deita-lhes terra em cima e toma outras estradas...

— Os elephantes têm necrópolis sombrias :

E só o Homem deixa, assim, por tantos dias,
Tantos homens, oh ! Deus ! n'aquellas aguas frias !... :





NAUFRAGIO DO CORAÇÃO

(Ao poeta e amigo Dr. Bittencourt Sampaio)

VISTE, Poeta ! a náu das minhas alegrias
Ir bordejando além, por esse mar a fóra ?
Foi cheia de illusões, de crenças, de utopias...
E o que ha de ser de mim, sem ter mais nada, agora ?...

Como é triste lembrar que se foi tudo embora,
N'essa náu, tão pequena e fragil, que hontem vias
Ancorada na praia, alegre como a aurora,
Tremendo ao perpassar das rijas ventanias !...

Agora, no alto mar, os vagalhões do oceano
A lutar e a rugir, n'um desespero insano,
Lançam-na á solidão da eterna profundez !..

Que naufrágio !... E ao mar as náus se precipitam...
O mar — é esta existência, onde as paixões se agitam :
E a náu — é o coração, que enchi de mais, talvez !





13 DE SETEMBRO

DIA DE MEUS ANNOS

(Ao illustrado amigo Barão de Nogueira da Gama)

O mar já me tentou : aspirações fogosas
Fizeram-me idear phantasticas viagens,
Eu sonhava trazer de incognitas paragens
Noticias immortaes ás gentes curiosas.

Mais tarde desejei riquezas fabulosas,
Um palacio escondido em murmuras folhagens,
Onde eu fosse occultar as candidas imagens
Das virgens que evoquei por noites silenciosas.

(GONÇALVES CRESPO — *Nocturnos*).

QUE nos resta depois das luctas d'esta vida ?
A tristeza do *adeus* no instante da partida...
Uma lagrima nossa e a lagrima chorada
Por quem irá, depois, cahir tambem no nada.

Amamos? mas o amôr é uma illusão que passa ;
Sonhamos? mas o sonho é a sômbra da fumaça
Que cedo se desfaz no azûl da immensidade.
Dos seios da esperança aos braços da saudade
Passamos, sem sentir, como a folha que o vento
Lança do galho em flôr ao pó do isolamento.

Só ha n'esta existencia uma verdade pura :
O amôr de nossa Mãi ! o amôr da creatura
Que parece feliz — por nós julgar felizes —
E em nós mostra um signal de fundas cicatrizes.

O mais tudo é mentira !... As gerações de agora .
Hão de passar, bem como as gerações de outr'ora ;
O futuro começa onde acaba o passado ;
O presente... nem sei se existe : é um estado
Veloz, de transição imperceptível, vago,
Como as ondulações concêntricas d'um lago
—Onde cáia do ar um pássaro ferido,
Que estremece no azul, rolando sem sentido,
Co'a cabecinha na aza, arrufada a plumagem,
Mergulhando da luz nas trévas da voragem.

Tudo é velho na terra, ó triste humanidade,
Que has de trocar por lodo orgulhos e vaidade !
O que mais penetrar nos bárathros da sciencia,
Mais approxíma o pé do abysmo da demência.

Sinto a doença atroz p'ra que não ha remedio :
Duvidas, saciedade e desespero e tédio. . .

No entretanto eu já tive as mesmas esperanças
De que vivem ainda as virgens e as crianças ;
Quiz gosar : prelibei mais favos que as abêlhas
Das moças mais gentis nas bôccas mais vermêlhas !
Viajei : — percorri phantásticos logares,
Por montanhas azues e por virentes mares ;
Sonhei nas capitaes palacios sumptuosos,
Abrindo ás multidões seus pórticos faustosos ;
E em macios coxins de alcovas confortaveis
Os membros repousei depois d'essas viagens,
Scismando, embriagado entre os subtis vapôres
Do ópio, do xerez, e aromas de mil flôres ;
E sonhei, sem dormir, em noites enervantes,
Como o rei Salomão, outr'ora, entre as amantes !

Imaginei, mais tarde, uma cabana occulta
Entre a vegetação d'uma floresta inculta ;
Árvores colossaes, ubérrimas, d'aquellas
Que só no meu paiz ostentam-se tão bellas !
E uns lagos côr do céu... e ao longe umas montanhas...
Umás coisas ideaes, chyméricas, estranhas !
— Têr alli a família, o sonho do acordado :
A esposa — o amôr sublime, o filho — o amôr sagrado !
E uma espingarda, um cão, um poncho para o frio,
O cavallo — no campo, e a canôa — no rio...

Ahi posso encontrar, (disse eu), a f'licidade.
Pensei... Vejo que em tudo apenas ha vaidade !...

Lembrei-me de estudar ; cancei, vendo que os sabios
— Com a duvida n'alma e o sarcasmo nos labios —
Acabam como acaba o nêscio, de maneira
Que é inutil gastar tão mal a vida inteira.

De quê nos serve, então, seguir por essa estrada,
Calçada pela dôr, que nos conduz ao nada ?...
Oh ! porque nasci eu ?... Para viver — morrendo
Por sêr o que já fui : e o que hei de sêr... não sendo !...



LINS DE ALBUQUERQUE

(Poesia recitada no cemiterio, ao dar-se o cadaver do poeta á sepultura)

A morte não me sái do pé do leito !
Esta mulher, que dita leis tyrannas,
Já me resfria o coração no peito...

(LINS DE ALBUQUERQUE).

E IL-O afinal vencido pela morte,
Depois de ser vencido pela vida ;
Vencido sempre, um coração tão forte !
Mais um heróe — levado de vencida !...

Elle era bom e-meigo e generoso,
O nosso companheiro, o nosso amigo !
E a morte, ao vél-o alegre e descuidoso,
Cruel ! lembrou-se de o levar consigo...

— Ó divindade tragica do nada !
Porque procuras tu, de preferencia,
Toda a frente que vês engrinaldada
Pelos verdes laureis da intelligencia ?...

Porque hão de sempre aquelles que mais sentem
Ser os que, sem sentir, se vão mais cedo ?
E assim — as nossas esperanças mentem...
E assim — o forte ha de tremer de medo !

Pobre Lins ! quando *os outros* passam rindo
Nos ruidosos festins da mocidade,
Sentiste, uma por uma, irem fugindo
Todas as illusões da nossa idade !...

Como foste roubado pela sorte !...
Tiraram-te o amor, a gloria... tudo !
E n'este leito esquálido da morte
Váis ficar só, enregelado e mudo !...

Quando alguém me pedir noticias tuas,
— Recitarei teus versos de memoria :
Louco ! que andaste á tôa pelas ruas...
Como has de andar mais tarde pela historia !



AFFONSO PEIXOTO

(Fallecido a 17 de Março de 1887)

E a crença ? a meiga voz que nos embala,
Como uma voz de Mãe, e que nos falla
D'esse além ideal, da vida nova ?...

N'este logar... recúa, empallidece ;
Ante cada cypreste ella estremece. :.
E segue, a tropeçar, de cova em cova !...

(DR. AFFONSO PEIXOTO — *O Cemiterio*).

PARECE-ME que a Morte anda pelas estradas
A procurar os bons — para os levar consigo,
Tantas são entre nós as vítimas sagradas !...

Meu pobre companheiro ! ó meu saudoso amigo !
Bem presentias tu que havias d'ir, tão cedo,
Pedir a um cemiterio o derradeiro abrigo !...

Assim, o Casimiro, o Freire, o Azevedo,
O Castro, e tantos mais, que pranteámos tanto,
Foram-se, como tu, cheios de febre e medo...

Julgo ainda escutar as vozes do teu canto :
E no entanto bem sei que dormes, frio e mudo,
No ermo onde pernoita a legião do espanto !...

Quebrou-se-me da crença o derradeiro escudo ;
A dúvida invadiu-me : e eu vejo agora o nada
Povoando o vazio — onde renasce tudo !...

Tinhas de aspirações a fronte engrinaldada ;
E era o teu coração um ninho de esperanças
Onde pousava o amôr, cantando, na alvorada !

Voavam-te da mente em bandos as lembranças
Pelo passado a dentro... e sorrias, scismando,
Com esse riso ingenuo e meigo das crianças !

Teu nostálgico olhar, seguindo o alado bando,
Nem via que só via o que se vê — não vendo...
E ficavas, assim, olhando á tóa, olhando

Para o mundo, talvez : este oceano tremendo ,
Onde uiva o temporal e o turbilhão delira ,
Emquanto a vaga espuma, estrellejada !... Ou tendo

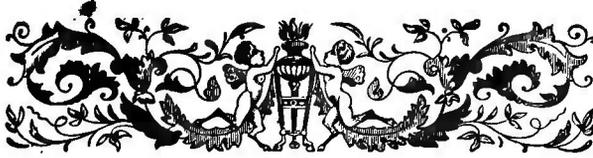
Ante o olhar o passado inteiro : essa mentira
De vinte annos de vida, — um sonho mal sonhado ,
Rapido como o som ferido n'uma lyra

Aos vinte annos, porém, quasi não há passado ;
Tem-se o berço tão perto, e o lar inda vibrante
Da voz de nossa Mãi que véla ao nosso lado !

Concentravas-te, eu sei, n'um martyrio constante
Entre o tédio e a dôr, entre a duvida e o susto ,
Vendo o abysmo do náca escancarado adiante !...

Lançou-te o desalento ao leito de Procusto ;
Espremeste na bôcca a espenja do *Rabbino* :
Resignado sorriste ao teu destino injusto ...

E tua Mãi — por ti ouve dobrar o sino !...



QUADRO BIBLICO

(Versão)

DORME a Cidade Eterna; — só, Tiberio
Sente o fundo temor de insomnias trêdas...
No leito de marfim, envolto em sêdas,
Da purpura levanta o rosto sério.

E de Belém nas sombras d'um recanto,
— Por entre as palhas de um modesto asylo —
Cheio de amôr, destaca-se tranquillo
Perto de mansos bois, um grupo santo.

Alli, Jesus — núsinho — alvo e formoso,
Esconde os labios no materno seio ;
E São José contempla-o n'um enleio,
Inclinando a cabeça, silencioso.

Um Anjo bate as azas sobre flôres,
Levando a nova do natal distante...
— Trazendo os seus presentes, n'um instante.
Batem á porta e entram os pastôres.

E longe, ao longe... religiosamente
— Uma estrella seguindo solitarios —
Montados em seus grandes dromedarios
Assomam os Reis Magos do Oriente.





VERSOS A UM FÉTO

To be, or not to be, that is the question.

(SHAKSPEARE — *Hamlet*, III, 1).

LNVEJO-TE !... Se tu entrasses pela vida,
Serias, como eu sou, levado de vencida
Na inconsciencia fatal do sêr e do não sêr...
Tudo é duvida e dôr !... Como assusta o não vêr
Nem um raio de luz por traz da sepultura !...

E este sonho voraz extingue-se ou perdura ?...

Nada sei ; nada vejo. Entro na escuridão
Como o cego que entrega o seu destino a um cão.
Antes não ter nascido, ou nascer como nasces,
Co'o sangue arterial gelado até nas faces...
Que lucrarias tu em ser homem por fim ?
Terias de sentir o que hoje sinto em mim,
Ou então ser um nescio, um'alma satisfeita
Em resomnar depois da digestão já feita.

A vida não é mais que um rude batalhar
Por manter uma luz que a morte ha de soprar.
Tarde ou cedo, na terra, em pó nos tornaremos :
Eis o que hontem se viu... eis o que sempre vemos !

Admittamos, porém, a hypóthese de que
Nasceste para a vida : — o que é a vida ? Vê...
Olha o sol no Levante ; ergue-se victorioso,
Altivo, porém, cái no occaso silencioso...
Passou entre ovações, como os antigos reis,
Mas submettido á acção de mysteriosas leis ;
E é esse mesmo sol — a auréola do horizonte —
Quem a sêde te inflamma e quem te abraza a fronte.

O vento, que suspira e geme ao perpassar
Pelas flôres, não tarda a vil-as desfolhar ;

Elle tambem suspira e geme aos teus ouvidos,
Mas amanhã, a uivar, sobre os mares varridos,
Se o teu lenho encontrar na líquida extensão,
Vira-o... e vái cantar mais longe outra canção !

A nuvem, que desenha agora pelos arêz
Castellos, torreões, paizagens singulares,
A nuvem não é mais que 'o transparente véo
Que mostra o temporal, sem deixar vêr o céu...

A terra, que ora agita um léque de mil flôres
Ao sol da primavera, ás aves multicôres,
Tambem veste a mortalha alvíssima e fatal
Dos gelos de que faz a tunica hybernal...

No templo, onde teus pais iam rezar, outr'ora,
Verás os teus irmãos a blasphemar agora !

A mão, que te embalou e abençoôu-te, a mão
De tua Mãi — apodrece occulta sob o chão...
O seio, onde bebeste a nutrição primeira,
D'elle sugam o sangue os vérmes, na poeira...
O sêr, que mais amaste, o sêr que mais te amou,
Jaz no lôdo... e ao teu lábio o riso inda voltou !..

Lembras-te que tiveste uns loiros companheiros
Nos brincos infantis? Hoje... uns, são conselheiros,
Outros calcêtas; um, morreu na guerra; dois
Enriqueceram; tres formaram-se: é depois
Trataram, no poder, de liquidar a patria:
Quem puder — faça assim... quem quizer — idolatre-a!
O mundo é um carnaval ruidoso, atreadôr,
Onde o vício afivella a másc'ra do valôr.

E entre tantos heróes e tantos salteadôres,
Genios, mortos á fome, e justos, sem louvôres;
Entre os bons e os máis, príncipes e plebeus,
Nem um só é feliz!...

Ha muitos Prometheus!...





O ÇANTICO DA ESCRAVIDÃO

*(Expressamente escripto para o drama abolicionista « Corja Opulenta » de
JOAQUIM NUNES ; e posto em musica pelo maestro Dr. Abdon Milanez).*

E UNESTA escravidão !... Terrivel sorte
A d'essa triste raça perseguida,
Que é arrojada aos páramos da morte
Pelos tufões mais ríspidos da vida !...

E dizer que inda existem creaturas
Que escravizam seus proprios semelhantes :
E lhes infligem bárbaras torturas,
Matando-os em suplícios lacerantes !...

O escravo é na patria um forasteiro,
Curvado sempre ao jugo de oppressôres ;
Arrastando os grilhões do captiveiro,
Leva n'alma só lagrimas e dôres.

Leva n'alma só lagrimas de sangue,
Leva as carnes de látigos feridas ;
Até que um dia cái, exausto, exangue,
Como as feras — que morrem esquecidas...

O captivo não acha um peito amigo,
Risos de irmã, nem beijos de consorte :
E ou tem de errar nos êrmos, sem abrigo,
Ou de rastros, no *êito*, espera a morte !

A escrava... nem lhe é dado ser esposa !
E se é Mãi : — nas senzalas, ás risadas,
Arrancam-lhe o seu filho ! E ha quem ousa
Violentar-lhe as filhas... a pancadaç !...

E dizer que inda existem creaturas
Que escravizam seus proprios semelhantes :
E lhes infligem bárbaras torturas,
Matando-os em supplicios laçerantes !...



SURGE ET AMBULA

(Ao companheiro e amigo Dr. Barros Cassal)

Fôra bello, talvez, em pé, de novo,
Como Byron surgir, ou na tormenta
O heróe de Waterlôo !

(ALVARES DE AZEVEDO).

Não vibras mais as cytharas divinas ?
Não cantas, na penumbra do repouso ?
Onde estão as estrophes peregrinas ,
Artísticas, vibrantes, heroínas ,
Do teu estro potente e radioso ?...

É crível que de tantas phantasias .
Só ficasse uma idéa, — um esqueleto
Amortalhado em sombras de utopias ,
Deixando apenas, entre cinzas frias,
Uma caveira — a rir-se para Hamletto ?..

Deixa ao príncipe enfermo da legenda
O monólogo tragico e funereo
Do ser e do não ser... Por outra senda ,
Investigando , a analyse desvenda
Das duvidas mentaes todo o mysterio ...

Quando eu pensava vir achar-te erguido
Ao tôpo do Sinai da Idéa Nova ,
Venho encontrar-te mudo, fragido ,
Como um templario em scismas embebido
Sob um cypreste , á bôcca d'uma cova ...

Que fizeste da chusma de chyméras
Que espalhavas , outr'ora , como flôres ?
Pois quem voava rente das espheras,
Quem investia ao sol das primaveras ,
Póde fugir ao bando dos condôres ?

Vem de novo fallar-me de esperanças,
Com esse ardôr com que fallavas d'antes,
Nos tempos — de que restam só lembranças —
Alegres como grupos de crianças,
Ardentes como os beijos dos amantes !...

Fallemos do porvir, que nos espera...
A nós, que trabalhamos impollutos !
— As alavancas d'ago retempera,
Que do fumo das lavas da cratera
Saltam ás vezes diamantes brutos !...

Nós somos d'outro Inferno os novos Dantes :
Já que vamos caminho das idéas,
Seguiremos o rasto dos gigantes,
Como esses caçadores de elephants
Que dos desertos erram nas aréas.

Se encontrarmos Virgilio ao fim da estrada,
Sub tegmine fagi pousaremos :
A gloria é uma deusa immaculada ;
Sem offuscar-lhe a auréola constellada,
Aos seus beijos de fogo sonharemos !...

Se ao subir á columna de Vendôme
Rolarmos pelo chão, no duro asphálto :
Onde outr'ora Gilbert morreu de fome,
Quem tomba assim — pôde dizer seu nome,
Deve orgulhar-se de cahir... tão alto !...

Bem vês, a mocidade tem loucuras,
E ha loucuras divinas n'esta idade !
... Vamos do pólo ás regiões escuras,
Vêr se encontramos nas geleiras duras
Um deserto mais triste que a saudade !

Se á noite a tempestade no Oceano
Sacudir pelo ar seus elementos,
Soltaremos o barco a todo o panno :
Vendo se os raios n'um duélo insano,
Correm co'a rapidez dos pensamentos !...

Deixa o teu confortavel agasalho,
Quando, em noite hybernal, a chuva teima
Em cahir, lentamente... e vê do atalho
Se ha gotta d'agua ou pérola de orvalho
Mais fria do que a lagrima — que queima !...

É tempo. Olha, que os nossos companheiros
Nos esperam, de pé, no chão da liça :
Somos valentes, fortes, brasileiros ;
Vamos — como do Pampa os cavalleiros —
Luctar entre as fileiras da justiça !..

Quem não sente os pulmões oxigenados
Pelo vento que varre estas montanhas ?
— Tonifica-te ao sol dos descampados,
E segue ávante, assim como os soldados
Que vão cantando ás regiões estranhas !

Sopra de Homero a trompa bronzeada
Ou de Camões a tuba sonora,
Mas não fiques parado em meia estrada,
Como a Niobe vil, marmorisada,
Da phantastica lenda religiosa.





CAMPO - SANTO

NÃO tarda muito o dia de finados ,
Dia em que os vivos vão, em romaria,
Visitar os que jazem enterrados
Na cova escura e fria.

Tambem mais tarde hão de ir nossos vindouros
Vêr nossas campas, n'esse mesmo dia ,
Sem vêr na lama os teus cabellos louros...
Na cova escura e fria !

Eú sou d'aquelles que se vão bem cedo ...
Assim, bem cedo irás, triste, sombria ,
Visitar o meu ultimo degredo ,
A cova escura e fria !

Queres ir á necrópole ?... E te canças
Em ir ?... Não é preciso... olha, Maria ,
Meu peito é um cemiterio — de esperanças ,
Meu coração — é cova escura e fria !...





O LEÃO ENFERMO

A AUGUSTA PRINCEZA IMPERIAL

A semelhança dos Heróes antigos
De que rezam as lendas gloriosas,
Que tombavam nos braços dos amigos,
Contemplando com vistas dolorosas
As montanhas, o espaço, a natureza,
— Tudo cheio de nuvens de tristeza —
E o oceano — a lutar eternamente ...
E o sol, que é sempre o sol, mesmo no poente!

Eil-o prostrado, o forte — não vencido —
Luctando sempre por se erguer de novo ;
Às vezes, cái exausto, — adormecido
No coração sincero do seu povo !
Depois — ergue-se, forte como outr'ora ,
Qual águia altiva pelo azul distante ,
Dourando a patria com clarões de aurora
O seu olhar de olympico gigante !

Nas horas em que a febre lhe marulha
Em confusão no cérebro as idéas ,
Um alvo pombo no seu peito arrulha ,
E ha nos seus labios versos de epopéas !...
Elle não tem os tétricos delírios
D'esses que espalham prantos e martyrios ;
Tem sonhos de poeta : e voga, em scismas,
N'um lago manso de serenos prismas.

Só nas horas de accesso, quando o susto
Nos assalta (pois nós nada sabemos),
É que póde sonhar tranquillo o justo :
Sem soffrer por saber quanto soffremos !...

N'esses momentos trágicos, sinistros ,
É que elle vê, por um aspecto novo ,
O sarcástico rir dos seus ministros ...
E as lagrimas sentidas do seu povo !...

Vi-o de perto em horas de descanso ,
Vi-o de perto em rápidas viagens ;
E fôsse no tumulto ou no remanso ,
Sempre colhendo bençãos e homenagens ;
Mas homenagens espontaneas, santas ,
Como rosas — abertas ás suas plantas —
E bençãos tão altivas e tão puras
Como os astros que gyram nas alturas !...

Nunca pensêi que fôsse tão completo
O ideal supremo do altruísmo :
Elle parece, n'este *meio* abjecto ,
A luz batendo em cheio n'um abysmo !
Como lampada accêsa em templo escuro ,
— Espancando as visões que a sombra géra ,
Elle ha de erguer-se aos olhos do futuro ,
Como o sol nas manhãs de primavera !...

Eil-o agora em repouso... Inda mais bella
Que a sua c'rôa — de dois Imperadôres —
É a grinalda alvíssima e singela
De seus cabellos brancos pelas dôres .
« Os reis são tão felizes ! » diz a gente ...
E o destino dos reis como é pungente !
Assim, tambem os montes mais erguidos
Pelo fogo do céu são mais feridos !...

Eil-o ainda em repouso... Dorme e sonha
« Tendo no labio um riso de criança ; »
Não ha um só remorso que se opponha
Á paz da consciencia. E na lembrança . .
Surge-lhe claro o seu passado inteiro,
Arqueado n'um íris de victorias !
— Nôbre Herdeira do Throno Brasileiro !
Tens em Teu Pai um symbolo de glorias.

FIM DAS PENUMBRAS

IDYLLIO DE THEOCRITO



IDYLLIO DE THEOCRITO

(Ao meu saudoso amigo Conselheiro Azevedo Castro)

A DONZELLA

PÁRIS, que como tu era um vaqueiro ,
Da prudencia de Helena triumphou...

DAPHNIS

Dize antes, foi Helena quem primeiro
Com seus beijos de fogo o desvairou .

A DONZELLA

Não sejas fátuo ; um beijo, confessemos ,
Consequencias não traz... mata o desejo ...

DAPHNIS

Nem diminúe os extasis supremos ...

A DONZELLA

Eu limpo os labios meus : cuspo o teu beijô .

DAPHNIS

Ah ! enxugas os beiços ? — Mais desejos
Eu tenho agora de beijar-te a bôcca .

A DONZELLA

Vai beijar teus novilhos. — Os meus beijos
Guardados para um Sátyro !... Estou louca ?

DAPHNIS

Não sejas tão soberba ; olha, vaidosa ,
A mocidade é sonho que esvoaça ...

A DONZELLA

A uva madura — se transforma em paça ;
A rosa, mesmo murcha, — é sempre rosa !

DAPHNIS

Vem cá para este lado... Ao teu ouvido ,
Quero dizer mil coisas diferentes ...

A DONZELLA

Não quero ; já assim me tens prendido
Com teus bellos discursos eloquentes .

DAPHNIS

Debaixo das sylvestres oliveiras
Tu ouvirás os sons da minha fruta .

A DONZELLA

Eu não gosto de musicas fagueiras :
O canto da sereia illude o nauta .

DAPHNIS

Toma cuidado, moça ; olha, que Venus
Costuma se vingar, com furia insana ...

A DONZELLA

Bem pouco se me dá ! e muito menos
Estando sob as graças de Diana .

DAPHNIS

Pede aos Deuses que Venus te não fra
Com uma sétta ou prenda-te em seus laços ...

A DONZELLA

Póde Venus seguir-me, accesa em ira ,
Que eu de Diana abrigo-me nos braços .

DAPHNIS

Tu não lhe escaparás. Nenhuma virgem
Logra eximir-se á languida vertigem.
Do sentimento a que a prudencia é vã :
Vê que é sina de todas as mulheres ...

A DONZELLA

Supporta tu seu jugo, se assim queres ,
Que hei de fugir-lhe, sim, — pelo deus Pan !

DAPHNIS

Réceio que te entregue elle a um marido
Menos digno...

A DONZELLA

Não tenhas tal cuidado :
Bastantes pretendentes tenho tido ,
Mas nenhum inda foi do meu agrado .

DAPHNIS

Pois eu venho augmentar n'este momento
A lista dos que aspiram essa mão ...

A DONZELLA

Não quero, meu amigo : o casamento
Traz o trabalho, a dôr, a obrigação ...

DAPHNIS

O casamento não tem isso ; — apenas .
Traz alegria e danças !

A DONZELLA

E no entanto
Dizem que anda a mulher ante o marido
Tremendo á toda hora ...

DAPHNIS

Não é tanto
Assim como tu dizes ter ouvido ...

Pelo contrario, eu posso de dizer
Que o marido é quem vai sempre a tremer.

E aqui, que não nos ouve mais ninguem ,
Pois a mulher póde tremer de alguém ?...

A DONZELLA

Eu receio ter filhos... tenho medo
Das feridas cruéis que Ilíthya faz !...

DAPHNIS

Diana, a quem adoras, em segredo
Diana não protege e auxilia
As mulheres de parto ? Essas mulheres
Foram o que tu és ...

A DONZELLA

Ainda mais ,
Os filhos devem engrossar um dia
Minha bella cintura ...

DAPHNIS

Se tiveres
Uns filhinhos formosos, bem queridos,
Encantadôres, fortes, — parecidos
Comtigo, verás nelles, ó ventura !
Renascer tua propria formosura !...

A DONZELLA

Se eu consentir, que dóte é que tu tens
Para o nosso casal ?

DAPHNIS

Os dons de Flóra :
Meus rebanhos e bosques serão teus .

A DONZELLA

Jura que não te irás, depois, embora ,
Deixando-me sósinha e com saudade .

DAPHNIS

Pelo deus Pan !...

A DONZELLA

Terei bem preparado

O nosso quarto ? Acaso tens cuidado
Na casa e nos curráes ? Sinto vontade ...

DAPHNIS

Tudo terás. E é pensando em ti
Que os meus rebanhos apascento alli ...

A DONZELLA

Pois bem ; mas... a meu pai que hei de dizer ?

DAPHNIS

Dir-lhe-has o meu nome ; e é de crêr
Que o velho approve o nosso casamento .

A DONZELLA

Ha nomes que nos dão contentamento,
De tão doces de ouvir : qual é o teu ?

DAPHNIS

Sou de Lycidas filho e de Neméa ,
Chamo-me Daphnis.

A DONZELLA

Sim, tenho idéa ,
És de boa familia ; tambem eu
Não tenho que invejar tão fina casta .

DAPHNIS

És filha de Menába, é quanto basta .

A DONZELLA

Mostra-me os bosques teus, casa e curral.

DAPHNIS

Eil-os... Vê como cresce com vigôr
Meu esbelto e sombrio cyprestal .

A DONZELLA

Minhas cabras, pastai, enquanto estou
Percorrendo os domínios do pastôr ...

DAPHNIS

Pastai, ó touros meus, enquanto vou
Mostrar meus bosques á gentil donzella !

A DONZELLA

Sátyro !... Como é isso ?... Mais cautela !
Tira esses dedos dos meus seios duros ...
Que procuras ahi, impertinente ?...

DAPHNIS

Ora ! quero mostrar-te simplesmente
Que esses pômos do céu já são maduros .

A DONZELLA

Pelo deus Pan ! Socega... não insistas ...
Não vês?... eu desfalleço... Desditosa !

DAPHNIS

Virgem , que é isso ?... Assim, tu me contristas ,
Porque tentas fugir ?... És tão medrosa !...

A DONZELLA

Lanças-me sobre a terra humida e fria ...
Amarrótas e manchas meus vestidos ...

DAPHNIS

Olha, tu não quizeste... eu bem queria ...
Mas, inda é tempo, espera : são compridos
Teus saiótes, meu bem, mas... estás vendo ?
Ainda é mais longo o vélllo que eu estendo
Por debaixo de ti ...

A DONZELLA

Ai ! Não, vaqueiro !...

Não desates meu cinto ...

DAPHNIS

— É o primeiro

Presente que offereço á Venus !...

A DONZELLA

Não !...

Detêm-te, desgraçado !... Ouço rumôr ...

DAPHNIS*

Nada receies ... olha , doce flôr ,
É o meu cyprestal, que enamorado
Canta em hymnos de amôr nosso noivado
Aqui na solidão !...

A DONZELLA

Rasgaste os meus vestidos ... — Estou núa !...

DAPHNIS

Fórmãs tão bellas nunca viu a lua !...
Dou-te vestidos novos, doce amante !

A DONZELLA

Sim, tu promettes tudo, n'este instante ...
E depois... e depois... Sinto-me exangue !..

DAPHNIS

Dou-te alma, vida, coração e sangue !

A DONZELLA

... Ó Diana ! — não fiques irritada :
Bem vês, n'estas montanhas desgarrada ,
Por mais que em ti se tenha confiança ,
Não se encontra nos êrmos segurança !..

DAPHNIS

Á Venus uma vacca, e ao Amôr
Uma novilha — sacrificarei !

A DONZELLA

Quando cheguei aos bosques do pastôr
Era donzella : agora... que farei ? !...

DAPHNIS

Não és mais virgem, mas não tenhas medo ,
Porque és esposa e serás Mãi bem cedo .

—

Assim, doces palavras murmurando ,
Foram a mocidade os dois gosando ,
 Beijando-se a sorrir ;
E alli, unidos n'um furtivo leito ,
Alma com alma, peito contra peito ,
 Senharam... sem dormir !

Ao recolher as cabras esquecidas ,
Ella voltou co'as faces incendidas
 E o seio palpitante ...

Elle, voltando a recolher os touros,
Passava os dedos nos cabellos louros,
Feliz e triumphante !

FIM DO *IDYLLIO*

O CANTICO DOS CANTICOS



DRAMA HEBRAICO

AO MEU AMIGO

DR. LUIZ ANTONIO DA SILVA SANTOS



ACTO PRIMEIRO

HAREM DE SALOMÃO

SCENA I

A Sulamita e as mulheres do harem.

UMA MULHER

QUEM me déra que eu ficasse
De amores perdida e louca ,
Comtanto que assim lograsse
Um beijo da sua bôcca ! . . .

CÔRO DAS MULHERES

Os violentos perfumes,
Ácres, subtis, enervantes,
Dos teus seios palpitantes,
Causam vertigens e ciumes . . .

Os teus nervosos carinhos
Matam a todos de amôres :
Tens mais arôma que as flôres,
Embriagas mais que os vinhos !

O teu nome, — nós pensamos
Ouvir um hymno encantado,
Vendo um óleo derramado . . .
Eis porque todas te amamos !

A SULAMITA

(Com enfado, fallando consigo mesma)

Vamos ! eu quero, além,
Viver comtigo ! embora
O rei me prenda agora
N'este sombrio *harem* . . .

CÔRO DAS MULHERES

Formosa rival das flôres ,
Que embriagas como os vinhos !
— Terás os nossos carinhos ,
Ouvirás sempre louvôres ! . .

A SULAMITA

Sou trigueira, mas formosa ,
— Filhas de Jerusalem !
Sem inveja de ninguem ,
Eu me comparo, orgulhosa ,

Aos pavilhões triumphantes
E ás tendas em profusão
Que ostentam de Salomão
As riquezas deslumbrantes .

Não zombeis com ironia
Por vêr minha côr morena :
É que eu andava, sem pena ,
Exposta ao sol todo o dia .

Além d'isso, co'as visinhas
Os meus irmãos passeavam ,
Entquanto a mim... me deixavam
Nos campos guardando as vinhas .

Eu mil modos empreguei
Por bem guardal-as ; eu tinha
Tal intenção : mas a minha . . .
Ai, d' ella me descuidei ! . . .

SCENA II

As mesmas e Salomão.

A SULAMITA

(Scismando)

Dize-me tu, bem amado ,
Por que lado
Conduzes os teus rebanhos ,

Para que eu não vague errante ,
Tão distante ,
Entre pastôres estranhos .

Quero vêr, sempre ás parelhas ,
As ovelhas
Côr de espuma, dê tão brancas ;
Que eu via passando, outr'ora ,
Campo fóra ,
Ou a saltar nas barrancas .

Dize á tua bem amada
Por que estrada
Te desvias da floresta ,
Quando conduzes ao banho
Teu rebanho
Nas quentes horas da sésta .

Vem dizer ao meu ouvido ,
Commoído ,
Teus juramentos de amôres ,
Para que eu não vá, saudosa ,
Vergonhosa ,
Procurar-te entre os pastôres .

UMA MULHER

Ó formosa entre as formosas !
Se és tão simples e modesta ,
Vai nos campos correr lesta
Como as cabras mais fogosas .

Vai colher fructos e flôres ,
Exponde-te ao sol, aos ventos ;
E entre ovelhas e jumentos
Enamorar os pastôres ! . . .

SALOMÃO

Bella !... Comparo-te só
Á minha égua lúzida
Quando arrasta á toda a brida
Os carros de Pharaoh !

As tuas faces rosadas
Aos brilhos dos teus olhares
São como ao sol os collares
De pérolas agitadas .

Os contornos triumphaes
Do teu pesçoço comprido
Lembram-me um galho florido
Todo enleado em coráes .

Formosa entre as mais formosas !
Morena — inveja das claras !
Terás as cousas mais raras
E as joias mais preciosas ! . .

SCENA III

A Sulamita, depois Salomão.

A SULAMITA

(Só)

Emquanto o rei no seu *divan* macio
Jaz somno lento ,
Eu penso n'*elle*... que anda exposto ao frio ,
Ao sol e ao vento .

O nardo, que perfuma os meus cabellos,
 Tem seu aroma ;
Os mais pastôres enchem-se de zelos
 Quando *elle* assoma !

O meu amado é para mim um ramo
 De myrrha ; é flôr !
Ha de em meus seios repousar : que o amo
 Com muinto amôr ! . . .

É o cacho das vinhas que eu, outr'ora ,
 Longe d'aqui ,
Colhi, cantando, ao despontar d'aurora ,
 Em terras de Engaddi .

SALOMÃO

(*Entrando*)

Como que a formosura
Dos meus desejos zomba ,
— Dando ideal doçura
Ao seu olhar de pomba !

A SULAMITA

(Pensando no Pastor ausente)

Antes que meus beijos colhas,
Previno-te, ó bem amado,
Que o nosso leito de folhas
É de flôres perfumado.

SALOMÃO

Meu palacio se reveste
De arvoredos e cascatas:
Os tectos são de cypreste,
São de cedro as columnatas.

SCENA IV

A Sulamita e o Pastor

A SULAMITA

(Cantando)

Minh'alma sabe os segredos
Que o perfume diz ao som . . .
Sou a rosa dos sylvedos,
Sou o lyrio de Saron ! . . .

O PASTOR

(Entrando)

Como o lyrio no meio dos espinhos
Assim és tu no grupo das donzellas :
Teus seios — são dois pombinhos ,
Teus olhos — duas estrellas !

A SULAMITA

Como a árvore altiva da floresta
Assim és tu na roda dos pastôres :
Macieira, á cuja sombra
Quero, nas horas da sésta ,
Cançada de colher fructos e flôres ,
Dormir, deitada sobre a verde alfombra..

(Reunem-se os amantes)

O meu amado, com mimo e arte ,
Introduziu-me no seu celeiro ,
Na sua adéga deu-me vigôr ;
Sobre nós ambos seu estandarte
Fluctúa ovante, bello, altaneiro . . .
E esse estandarte — chama-se Amôr !

(Ao côro das mulheres)

Dái-me uvas e fructas ,
Que eu sinto o languôr
Das fêras, nas grutas ,
Morrendo de amôr ! . . .

(Cõi meio desmaiada nos braços do amante)

A sua mão esquerda ampara-me a cabeça ,
Com a direita aperta ao seio os seios meus ;
Ai ! sinto-me morrer... Que tem que eu desfalleça ,
Se desmaio de amôr, feliz, nos braços seus ? . . .

O PASTOR

(Às mulheres)

Pelas corças e gazellas
Que andam errantes além ,
— Filhas de Jerusalém ,
Deixei-a, mulheres bellas !

Deixai-a dormir, sonhando ,
Que é bom sonhar a dormir :
Quem sonha — acorda a sorrir . . .
E o somno d'ella é tão brando !





ACTO SEGUNDO

—
O MESMO HAREM

SCENA I

A SULAMITA

(Sá, como em sonho)

Ea voz d'elle, a voz do meu amado!
Eil-o que vem, pulando nas montanhas,
Saltando nas collinas . . .
Ouço nos ares vibrações estranhas :
São as notas suaves , argentinas ,
Do seu canto inspirado !

Não saltam mais ligeiros os cabritos ,
 Nem correm com mais ímpeto os veados ,
 Do que elle, quando vái, cantando, aos gritos ,
 Por esses descampados . . .

Eil-o que vem : encosta-se á parêde ,
 Olha pela janella,
 A espreitar pelas altas grades d'ella ,
 Esgueirando-se... vêde,
 A vêr se vê quem vive só por vêl-o ! . . .

Como é bom desejal-o e merecêl-o !
 Que bom que é vêl-o, em plena liberdade ,
 Livre correr para quem quer prendêl-o . . .
 Por presa se sentir — e por vontade ! . . .

Eil-o que vem, correndo, a olhar p'ra mim ,
 Dizendo alegre assim :

(Imita a voz do Pastôr)

— « Levanta-te, formosa !
 Ó minha amiga, vem ! . . .
 Já longe vái a quadra nebulosa

Das chuvas e dos ventos ; já ninguém
Espera que o sol doure as penedias
Para nos dar *bons-dias* . . .

« As flôres já rebentam novamente
Nos galhos oscillantes ,
Onde pipilam delirantemente
Leves aves de pennas fulgurantes .

« Brincam raios de luz nas amplidões ;
Tremem fios de prata
No lago e na cascata . . .
É este o tempo alegre das canções !

« Já as rôlas arrulham no arvoredó . . .
Já os novos rebentos da figueira
Enrubecem ao sol ;
Como é bello acordar de manhã cedo
E saltar pelos campos, de carreira ,
Aos raios indecisos do arreból ! . .

« A vinha em flôr exhala o seu aroma ;
Levanta-te, formosa !
Chega á janella, assoma

Ao balcão d'essa casa misteriosa ,
Tão cheia de grandezas e primôres . . .
Que só me inspira zelos e temôres ! . . .

« Levanta-te, formosa !
Ó minha amiga, vem ! . . .
Minha pomba innocente e carinhosa ,
Que voaste d'além ,
Indo pousar no concavo da rocha ,
Dura e fria, onde a flôr não desabrocha ! . . .

« Escondida no alto do rochedo ,
Nos buracos das pedras aninhada ,
Deixa-me ouvir a tua voz a medo
E vêr teu rosto, minha bem amada !
Pois tua voz — é um canto
E o teu rosto — o meu suave encanto ! » —

(Canta)

Arma o laço ás raposinhas ,
Arma o laço, ó caçadôr !
Que ellas devastam as vinhas :
E eu tenho umã vinha em flôr .

(*Scismando*)

Não sei de nada
Que mais me encante
Do que isto : a amante
Ser muito amada ! . .

E o meu amado é meu, é meu sómente ,
Como eu sou toda do meu bem amado ,
Que doura o meu porvir no seu presente
Desde o nosso passado ! . . .

Como eu gósto de vê-lo !... E como estranho
Que as mais todas não sintam meus delírios
Ao vê-lo apascentar o seu rebanho
Por entre os lyrios . . .

Onde estás, brando sonho da minh'alma ?
Onde estás, meu amôr, que eu te não vejo ?
Não vêes que sem te vêr não tenho calma ?
Vôa ... — nas azas d'este meu desejo ! . .

Quando as sombras cahirem, vacillantes ,
Do sol poente aos ultimos arrancos

Volta, como os cabritos saltitantes,
Ou os ênhos das corças nos barrancos.

vez. m. v.

SCENA II

A Sulamita, depois o Pastor

A SULAMITA

Acordando, esta noite, achei-me só no leito;
Senti o coração querer saltar do peito
De medo e de ciume... Ergui-me, allucinada,
Fui á porta, sahi... « Onde está elle? » Nada...
Debalde andei á tôa, errante, pelas ruas,
Ó ingrato! ninguém me deu notícias tuas!..

Estrellas, que expiraes á luz da aurora...
Onde está *elle*, o que a minh'alma adora?

Voltei, quasi sem ar; mas, ao entrar em casa,
Não pude mais (se eu tinha esta cabeça em braza),
Desatei a chorar... Sahi de novo; errante,
Fui, correndo, ao mercado, ás tendas do Levante,

E ás cisternas do sul... Chegando ao fim da praça,
Vejo a ronda; mas, n'isso, um vulto ao longe passa . . .

Soldados! tende pena de quem chora . . .
Onde está *elle*, o que a minh'alma adora?

Eu perguntava assim, por ti, no mesmo instante
Em que te vi passar, meu adorado amante! . .

Eras tu! eras tu! nem ninguem mais podia
Ser visto em horas taes senão só quem eu via:
Não com os olhos, não, mas com os meus sentidos
Todos n'um só, por ti, contigo confundidos! .

Eil-o commigo, o que a minh'alma adora! . . .

Vamos á minha casa sem demora,
Antes de amanhecer, meu bem amado!
Abraça-me! inda mais! beija-me, louco!
Olha-me... — n'um olhar bem demorado!
Ai! que saudade que eu sentia ha pouco . . .
E que feliz já sou, por ser commigo! . .
Anda, leva-me, vamos, vem commigo! . . .

Como eu me sinto bem, por t er agora
Nos braços meus o que a minh'alma adora !

Eu quero que antes que desp nte o dia
Minha M i abeno e esta alegria
Que j  transborda dos meus seios n s . . .
Quero que ella nos deixe, sem cuidados ,
— S sinhos, venturosos, aninhados —
No mesmo quarto onde me deu   luz ! . .

*(Os amantes se reunem. Aparecem as mulheres do Harem. A Sulamita
desmaia nos braços do Pastor)*

O PASTOR

( s mulheres)

Pelas coras e gaz llas
Que andam errantes al m ,
— Filhas de Jerusal m ,
Deixai-a, mulheres bellas !
Deixai-a dormir, sonhando ,
Que   bom sonhar a dormir :
Quem sonha — acorda a sorrir . . .
E o somno d'ella   t o brando !



ACTO TERCEIRO

RUAS DE JERUSALEM

SCENA I

CÔRO DE HOMENS

(Aparece ao longe o cortejo de Salomão)

Que é aquillo
Que se levanta
Em espiraes da banda do deserto? . . .
Ah ! é de certo
A columna de fumo, ardente e santa ,
Subindo em nuvens pelo ar tranquillo . . .

E que aromas suaves, penetrantes ! . . .
— Boia no ar o cheiro das resinas ,
Como de incenso e myrrha os odorantes
Vapôres sobre brazas purpurinas .

(*Passa cortejo*)

PRIMEIRO BURGUEZ

Eis o andôr de Salomão... Garbosos ,
Rodeiam-n'ò os guerreiros victoriosos
Do povo de Israel ;
Passam todos altivos, triumphantes ,
Com êlmos de pennachos oscillantes ,
Arrastando as espadas em tropel .

Ante o sereno aspecto dos valentes ,
D'essa cõhorte aos vivos resplendôres ,
As mulheres sorriem-se, contentes ;
Fogem da noite os tétricos pavôres .

SEGUNDO BURGUEZ

O régio palanquim foi todo feito
Das madeiras do Libano mais raras ;

E que riquezas se gastou com isso ! . . .
Vêde... que finas purpuras no leito !
São só de prata essas columnas claras
E os balaústres são — d'ouro massiço .

No fundo, entre nuvens de sêdas e rosas ,
Sem que ouzê fital-a de perto ninguem ,
Vái — cheia de argolas e pedras custosas —
A filha mais bella de Jerusalém !

CÔRO DE HOMENS

(Às mulheres, que estão dentro de suas casas)

Correi, donas e donzellas ,
Chegai depressa ás janellas ,
P'ra vêr a bella das bellas
A esposa de Salomão :
Eil-o... em seu throno sagrado
— Com sua c'rôa c'roado —
E o manto de ouro bordado ,
Ó meigas filhas de Sião !

SCENA II

Harem

SALOMÃO

Minha amiga, como és linda! . .
— Os olhares que me lanças
São mais suaves ainda
Que os olhos das pombas mansas .

Teu cabelo, em fios solto
Da cabeça aos pés, revolto ,
Quasi no chão a roçar ,
Lembra as cabras penduradas
Pelas íngremes quebradas
De Gallaad, a pastar . . .

Teus dentes têm mais brancura
Do que a lã suave e pura
 Das ovelhas
 Que ás parelhas
Sahem do banho, apressadas ,
Todas d'agua borrifadas . . .

— Lanígeros singulares :

Que augmentam sempre o rebanho ,
Pois têm os filhos aos pares ,
E os gêmeos d'um só tamanho .

Os teus beijos côr de rosa
Lembram vermelhos coraes ;
E a tua bôcca mimosa
É uma fructa cortada ,
Por uma arésta afiada ,
Em duas partes iguaes .

A tua falla é suave
Como o gorgείο d'um'ave .

Não sei quem te terá posto
Romans e rosas no rosto ,
Pois se beijo — com vistas desinquiétas —
Essas faces macias e cheirosas ,
Penso estar a morder romans abertas . . .
Penso estar a sorver pét'las de rosas ! . . .

• Teu collo altivo, offegante ,
É o pedestal triumphante

Do torreão deslumbrante
D'esse pescoço — enleado de collares . .
Pescoço mais bello ainda
Que a muralha antiga e linda
Da torre de David, onde os heróes gloriosos
Penduravam os seus escudos victoriosos ,
Perdendo-se nos ares ! . . .

Teus peitos duros, cheirosos ,
Palpitantes, voluptuosos ,
Onde parece que apenas
Pousaram duas abelhas
Na pôlpa, foram deixando
Essas pontinhas vermelhas ;
Ai ! os teus seios, criança ,
Trazem-me sempre á lembrança
Duas corcinhas pequenas
Entre lyrios resomnando .

Quando a sombra rolar nos descampados
E a luz crepuscular, tremeluzindo ,
Fôr as nuvens dourando . . .

Sahiremos nós dois de braços dados ,
A collina do Incenso ambos subindo
E no monte da Myrrha pernoitando .

SCENA III

Noite

SALOMÃO

És toda linda !... Tambem
Como tu não ha ninguem .

O PASTOR

(Fôra, junto da torre do serralho)

A mim, a mim, querida da minh'alma !
Desce d'ahi — do píncaro elevado
D'esse Líbano escuro... e ao meu lado
Vem vêr nos êrmos como a noite é calma !

A um lado o Sanir se ostenta ,
Fica o Hermon sombrio além . . .

Vê se foges : olha, intenta
Quebrar as grades... e vem ! . . .

Fugiremos os dois p'ra o fim do mundo !
Desce d'esta montanha do leopardo . . .
'Stás da caverna do leão no fundo . . .
Sem que te possa defender meu dardo ! . .

Olha p'ra mim, ao menos ! . .

(A Sulamita debruça-se para elle)

Arrancaste

Meu coração ãe dentro d'este peito
No derradeiro olhar que me lançaste
Debruçada d'esse alto parapeito !

Minha irmã ! minha esposa ! minha amiga !
Teu olhar trespassou-me o coração
De fórma tal, que eu já não sei que diga
Para pintar ao vivo esta paixão ! . .

Os teus languidos carinhos
Me embriagam mais que os vinhos ,
Doce amor !

As tuas carnes cheirosas
São mais suaves que as rosas ,
Linda flôr !

Ha balsamos odorantes
Dos teus seios palpitantes
Na frescura !

Em teus labios encarnados
Ha leite e mel derramados
De mistura ! . . .

Tuas roupas, agitadas
Quando rijo sopra o norte ,
Têm o cheiro activo e forte
D'essas resinas queimadas
Do Líbano entre a folhagem ,
E que se embebem na aragem
Que a gente ao longe respira :
E pára... e sorve... e aspira . .
Como flôres machucadas .

Às vezes eu fico mudo ,
Pensativo, ancioso, triste ,

Porque vejo em toda parte
Que na terra nada existe
A que eu possa comparar-te :
Pois tu vales mais que tudo !

Mas teimo, medito, insisto . . .
E apenas lembro-me d'isto :

Do jardim cheio de flôres ,
Onde vôa o passarinho ,
Cantando ao fazer o ninho
Para esconder seus amôres .

Da cisterna bem guardada ,
Toda noite e todo dia ,
Cheia d'agua descansada ,
Muito clara e sempre fria .

D'uma fonte vagarosa ,
Vagarosa e transparente ;
Transparente e buliçosa ,
Buliçosa e negligente . .

D'um bosque muito entrançado ,
Onde ninguem penetrasse ,
E nem siquer avistasse
Do monte mais elevado
As suas sombrias grutas
E os mil ramos tentadôres ,
Cheios de folhas e flôres ,
Vergando ao peso das fructas .

D'um regato que manasse
Do Líbano, e que, de rastros ,
Num lago se transformasse ,
Servindo d'espelho aos astros .

Isso me vem á lembrança
Ao vêr teu corpo, criança !

Ah ! mas como o meu desejo
Não se limita só n'isto ,
E nada tão bello eu vejo
Como o teu corpo, — desisto

D'esse proposito louco ,
E triste, sombrio, mudo ,

Vejo apenas que é bem pouco ,
Depois de vêr-te, vêr tudo! . . .

(Aparece Salomão, perto da Sulamita)

O PASTOR

Brisas do sul e virações do norte !
Vinde, correi, voai !... Quero que um forte
Tufão violento agite o meu jardim :
Antes que um outro sorva os seus odôres,
Quero vêr derramadas estas flôres
N'uma chuva de aromas sobre mim ! . . .

A SULAMITA

Pois entra na tua gruta
E come da tua fructa .

(Dá-lhe um beijo)

O PASTOR

(Commigo mesmo é que lucto
Por abrandar meus ardôres) . .

Primeiro dá-me das flôres,
Depois me darás do fructo

(A Sulamita salta da janella, cahindo-lhe nos braços; beijam-se)

O PASTOR

Não mais meus ímpetos domas !
— Dá-me os teus seios morenos :
Quero sorver-te os aromas ,
Embora tenham venenos ! . . .

Sonho — acordado — em teu seio . .
Como é bom sonhar assim ! . . .
O balsamo, — respirei-o . . .
A myrrha, — colhi-a emfim ! . .

Comi meu favo gostoso ,
Meu vinho e leite bebi ;
Oh ! não se morre de goso . .
E a próva é que eu não morri ! . . .

(Desprendendo-se dos braços da amante)

Venham agora os guerreiros !
Já posso affrontar perigos ! .

(Ao côro)

Bebai, bebei, companheiros ,
Embriagai-vos, amigos ! . .



ACTO QUARTO

Harem

SCENA I

A SULAMITA

(Só)

SESMO dormindo eu vélo, porque vela
Sempre o meu coração ;
Quantas vezes no leito perfumado
Não ouço as fallas do meu bem amado ,
Dizendo-me : -- « Formosa ! minha bella !
Tira-me d'esta densa escuridão ! . . .

Minha irmã ! minha esposa ! minha amiga !
 Se estás dormindo, acorda, os sonhos corta . . .
 E corre a abrir-me a porta ,
 Que o vento a chuva sobre mim fustiga ! . . .

« Tenho os cabelos todos ensopados
 E as roupas gottejantes . . »

— Vens tão tarde : já cantam, vigilantes ,
 Os matutinos gallos ;
 Já me despi, já tenho os pés lavados ;
 Hei de agora sujar-os ? —

Teimoso, então, o meu querido amante
 Quíz abrir a janella n'esse instante :
 Empurrando-a, fez bulha... quando eu via
 Que o ferrôlho rangia ,
 Faltou-me o ar, — e de alegria tanta
 O coração saltava-me á garganta ! . . .

Levanto-me, d'um pulo ! e, por brinquedo ,
 Finjo oppôr-lhe uma leve resistencia ;
 Do humido ferro onde roçou meu dedo
 Pingou de manso uma suave essencia . . .

E eu recolhi a mão, no mesmo instante ,
De orvalhos e de myrrha gottejante .-

Tomo a tunica ás pressas, porque o frio
Me fazia tremer como um arbusto ;
Abro a janella... e qual não foi meu susto
Ao vêr-me a sós n'esse logar sombrio ? ! . . .

O meu amado desaparecera . . .

Tinha fugido !

E o brando som da sua voz morrera

No meu ouvido . . .

Perco a razão de todo :

Sáio, de pés descalços sobre o lodo ,
Emquanto a chuva molha-me os cabellos ,
Ao vento embaraçando-se, em novellos . . .

Corri , allucinada , em anciedade ;

E desatei no pranto ,

Pois perseguem-me os guardas da cidade ,
Que me pisaram — ao tirar-me o manto ! . . .

(Ao côro das mulheres)

Imploro-vos, supplicante ,
Peço-vos, bellas, insisto ,
— Filhas de Jerusalem !
Se virdes o meu amante ,
Dizei-lhe que a causa d'isto
É elle só, mais ninguem ! ...

Dizei-lhe que eu ando louca ,
Cheia de prancos e dôr !
Que ouvistes da minha bôcca
Estas loucuras de amôr !...

SCENA II

CÔRO DAS MULHERES

Que dotes tem esse amante ,
Tão raros e tão sublimes ,
Que n'um delirio constante
Tão viva paixão exprimes ?

A SULAMITA

Olhem... a côr do seu rosto
É como a nata do leite ;
Não ha quem não sinta um gosto
Assim que os olhos lhe deite .

A sua cabeça é d'ouro ;
Os cabellos são escuros
Como o'corvo. E tem de puros
Pensamentos — um thesouro .

Seus olhos são pombas mansas
Roçando n'agua corrente ,
Ou a voar sobre as franças
De arvoredos viridentes .

Suas faces lembram rosas
Que vão se-abrindo, orvalhadas ;
— São frescas e perfumadas
Como as plantas mais cheirosas .

Os seus labios, em se-abrindo ,
Vertem myrrha ; são dois lyrios

Que a gente sorve, fruindo
Cheiros que causam delírios!

As suas mãos são uns áros
De ouro com pedras custosas,
Pedras de Tharsis, radiosas,
Como as dos aneis mais raros .

Os seus quadris opulentos
São redondos, são assim
Como as torres de marfim
Dos sagrados monumentos .

As suas pernas, iguaes
Ás dos deuses de mais glorias,
Lembram columnas marmóreas
Em seus áureos pedestaes .

O seu aspecto formoso
É como o cédro altaneiro
Que se ostenta sobranceiro
No Líbano silencioso .

Tão bello e tão delicado
Como elle não ha ninguem ;
Tal é o meu bem amado ,
Filhas de Jerusalem !

O CÓRO

Ó formosa entre as mulheres !
É só dizer n'este instante
P'ra que lado o teu amigo
Foi, — o teu formoso amante ! —
Que nós iremos contigo
Buscal-o, se assim o queres .

(Encontram-se os amantes)

A SULAMITA

Desceu o meu amante ao seu jardim,
No canteiro de bálsamos parou ;
Seu rebanho entre os lyrios dispersou
E voltou-se p'ra mim .

O meu amado é meu, é meu sómente ,
Como eu sou toda do meu bem amado ,
Que doura o meu porvir no seu presente ,
Desde o nosso passado ! . . .

Como eu gósto de vê-lo !... E como estranho
Que as mais todas não sintam meus delírios
Ao vê-lo apascentar o seu rebanho
Por entre os lyrios ! . . .





ACTO QUINTO.

HAREM DE SALOMÃO

SCENA I

SALOMÃO

MINHA amiga ! tu és linda
: Como Thersa, e mais ainda
Que a bella Jerusalem !
És formosa !... Mas, tambem ,
És terrivel e bravia

N'esses teus ímpetos fortes ;
E a tua chólera aterra
Como as tremendas cohortes
E toda a cavallaria
D'um grande exercito em guerra !

Já que te esquivas, bravia ,
Resistindo a quem te affaga ,
Teus olhos de mim desvia ,
Que o teu olhar me embriaga ! . . .

Teu cabello, em fios sólto ,
Da cabeça aos pés revólto ,
Quasi no chão a roçar ,
Lembra as cabras penduradas
Pelas íngremes quebradas
De Gallaad, a pastar . . .

Teus dentes têm mais brancura
Do que a lã suave e pura
 Das ovelhas ,
 Que ás parelhas
Sahem do banho, apressadas ;
Todas d'agua borrifadas . . .

— Laníferos singulares ,
Que augmentam logo o rebanho ,
Pois têm os filhos aos pares
E os gêmeos d'um só tamanho .

Os teus beijos côr de rosa
Lembram vermelhos coraes ;
E a tua bôcca mimosa
É uma fructa cortada ,
Por uma aresta afiada ,
Em duas partes iguaes .

O PASTOR

(Fôra)

Sei que ha lá dentro encerradas ,
N'este inferno delicioso ,
Umás sessenta rainhas ,
Mais de oitenta concubinas ,
Fóra as donzellas votadas
Ao sacrificio do goso ! . .

Mas a unica innocente ,
A unica immaculada
É a minha bem agnada ,
O meu lyrio florescente !

Alva e leve como a tunica
Com que dorme no seu leito ,
É a mais bella : — é a unica
Que a todos impõe respeito ! . . .

Concubinas e donzellas ,
As raínhas, todas ellas ,
Chamam-n'a a bella das bellas ,
A formosa sem rival !
E cheia de mimo e graça ,
Prodígio da nossa raça ,
Quando orgulhosa ella passa ,
Rompe um côro triumphal ! . .

SCENA II

CÔRO

Quem é aquella, que tem
A aurora no seu olhar ,

Formosa como ninguém ,
Rival do sol e do luar ?

E tão linda flôr da terra
É tão terrível e forte
Como a tremenda cohorte
Dos exercitos em guerra ! . .

A SULAMITA.

(À parte, voltando as costas ao côro)

Quem me mandou descer, n'aquelle dia ,
Ao pomar de nogueiras ,
Indo vêr se a romeira florescia
E se pendiam cachos das parreiras ? . . .

Imprudente que fui !... Nem presentia
Que o séquito do príncipe n'ess'hora
Passava estrada fóra . . .
Quiz yêl-o : e curiosa
Metti-me, na carreira,
Entre os seus carros, prendem-me : e saudosa
Eis-me aqui prisioneira ! . . .

AS MULHERES DO HAREM

Nuvem do céu ao sol posto,
Qual onda que vái e vem,
Sulamita ! volta o rosto
Que queremos vêr-te bem !

UMA DANÇARINA DO HAREM

Quem vái vêr a Sulamita,
Quando pôde contemplar
O meu corpo — que palpita
Nas danças que eu sei dançar ? . . .

(Dança)

SALOMÃO

Que lindos são os teus pés
N'essas sandálias bordadas,
Filha de príncipe, que és ! . . .

As curvas arredondadas
Dos teus quadris, meu thesouro ,

São como as d'um collar d'ouro
Feito por habil artista,
Como outro igual não exista.

O teu seio me recorda
Taça esférica e prismática
Que, scintillando, transborda
Doce bebida aromática .

Teu corpo, (que allucinado
Bem sei o que é, mas não digo) . . .
Parece um feixe de trigo
Todo de lyries rodeado .

Os teus seios, ricos premios
Do teu amôr, minha bella !
São assim como dois gêmeos
De uma ligeira gazella .

Teu pescoço... como é bom
Vê-lo !... é a torre das campinas . . .
Teus olhos são as piscinas
Das muralhas de Hesebon .

Teu nariz é afilado
Como o torreão que assenta
Sobre o Líbano, e se ostenta
De Damasco para o lado .

Tua cabeça é formosa
Como o Carméllo ; e os cabellos
— Os grilhões d'um rei — ao vêl-os
Vejo purpura sedosa .

Ah ! mas que atroz crueldade !
Como fascinas e prendes
Nas horas em que te estêndes
Com tanta sensualidade ! . . .

Teu corpø é como a palmeira ;
Teus seios são cachos d'uvas ,
Ora molhados das chuvas ,
Ora rubros da soalheira .

Ao vêr-te, eu disse : « Pois vamos !
Embora sinta canceira ,
Hei de subir á palmeira ,
Hei de apanhar os seus ramos ! »

Encanto da vida minha !
Porque te esquivas ?.. Consente
Que sejam, p'ra mim sómente ,
Teus seios cachos de vinha .

— A tua respiração
Suave e tranquilla, cheira
Como se uma macieira
Tivesses no coração ! . . .

Do vinho da tua bôcca
Deixa pingar um bocado
N'este meu labio abrazado ,
Que me abrande a sêde louca !

A SULAMITA

(Persistindo na resistencia)

Sou só do meu bem amado ,
Sou só d'elle, que tambem
É só meu, de mais ninguem !

SCENA III

A SULAMITA

(Correndo para o Pastor)

Vem, meu amado, vem !
Que eu sinto a alma de saudades cheia ! ..
Assim que despontar a luz da aurora ,
Correremos nos campos, como outr'ora ;
E quando o sol fôr descambando além ,
Dormiremos na aldeia ! ...

Vamos viver enfim nas solidões,
Onde ha fios de prata
No lago e na cascata ...
E é este o tempo alegre das canções ! ..

Já as rôlas arrulham no arvoredado ;
Já os novos rebentos da figueira
Enrubecem ao sol ..
Como é bello acordar de manhã cedo
E sahir campo fóra, na carreira ,
Aos raios indecisos do arreból ! .

Que bom !... Vou ficar douda de delícias !...

Vamos ! mas corre, vem !...

E lá — onde não haja mais ninguém —

Lá te darei, então, minhas carícias !

Olha... o pomo do amôr sólta de si

Um perfume — que enerva e que conforta...

Cáí o fructo e a flôr á nossa porta..

Tudo eu guardo p'ra ti !...

Ah ! porque não és tu, meu bem amado ,

O meu irmão, para eu poder beijar-te

E andar em toda parte

Comtigo ao pé de mim, sem ser notado?...

Eu quero que hoje, vendo-te aos meus beijos ,

Minha Mãi abençõe estes desejos

Que já transbordam dos meus seios nús...

Quero que ella nos deixe, sem cuidados ,

— Sósinhos, satisfeitos, aninhados —

No mesmo quarto onde me deu á luz!

Das ovelhinhas mortas sobre as lãs

Tudo me ensinarás !... De vagarinho

Lá poderás beber todo o meu vinho . . .
La poderás comer minhas romãs ! . .

(Desfallece e diz á meia voz)

A sua mão esquerda ampara-me a cabeça ;
Com a direita aperta ao seio os seios meus .
Ai ! sinto-me morrer... Que tem que eu desfalleça ,
Se desmaio de amôr, feliz, nos braços seus ? . .

O PASTOR

(Ao côro)

Pelas corças e gazellas
Que andam errantes além ,
— Filhas de Jerusalém,
Deixai-a, mulheres bellas !
Deixai-a dormir, sonhando ,
Que é bom sonhar a dormir ;
Quem sonha — acorda a sorrir . . .
E o somno d'ella é tão brando !

SCENA IV

*Suppõe-se já effectuada a jornada de Jersusalém
para a aldeia.*

O CÔRO

(Vendo a Sulamita, que o amante traz desmaiada nos braços)

Quem é essa que surge do deserto,
Sem sentidos, nos braços de quem ama? . . .

(Os amantes chegam á aldeia)

O PASTOR

Acorda... estamos perto
Da casa onde nasceste ; vejo a rama
Das árvores da horta de teus lares . . .
Vê, com teus olhos, todos os logares
Onde sempre a meu lado
Enchias de prazer nosso passado ! . . .

(Descança a amante debaixo da macieira da casa materna e acorda-a)

Acordas mesmo embaixo da macieira
Aonde eu te beijei á vez primeira .

A SULAMITA

Une-me bem ao coração ! — aperta
Meu seio contra o teu ! passa o teu braço
Pela minha cintura ! . .

Ninguem nos vê... a aldeia está deserta ,
Sómente as aves, pelo azul do espaço ,
Invejam nosso amôr, nossa ventura !

Ai ! — o amôr é perennal e forte !
Ai ! — a paixão é forte e perennal ! . .
O amôr é poderoso como a morte ,
Como o inferno é fatal !

O SABIO

(Aparecendo para tirar a conclusão do Poema)

Sim ! o amôr não se apaga ,
Nem sob a chuva que alaga
Toda a terra em todo o mundo ;
Sim ! o amôr não mergulha
Na torrente que marulha
No rio mais grosso e fundo !

Ai do néscio, que pretenda
— Como coisa que se venda —
Querer comprar o amôr !
O amôr é dado : e é tão raro
Que, se o vendessem bem caro,
Tiravam — o seu valôr ! . . .

FIM DO CANTICO DOS CANTICOS

NOTAS



NOTAS

POESIAS E POEMAS — 1886—1887.

ESTA edição foi feita sob os auspícios de S. A. I. a Augusta Princeza Regente.

Mais por uma predilecção espontanea dos espíritos superiores, do que mesmo em observancia ás leis do atavismo, a graciosa Princeza, que na sua primeira regencia redimiu os filhos das captivas e actualmente derrama lagrimas sagradas pela sorte dos foragidos do *êito*; aninha em seu coração de Mulher e Mãi os mesmos sentimentos altruístas de Seu Pai e nosso Mecenaz, o sabio Imperador Dòm Pedro II, tão magnanimo para com os homens de letras do seu vasto Imperio.

Beijando, reconhecido, as mãos da Augusta Princeza, repito os ultimos versos da poesia que consaguei á Sua Alteza Imperial, no dia de seus annos :

*Ante o forte esplendor do Throno Brasileiro,
Mal ousam proclamar minhas estróphes rudes
Que herdaste de Tua Mãi Theouros de virtudes,
Filha de um Sabio e Justo, Esposa d'um Guerreiro!*

PHOTOTYPIA DE PEDRO DA SILVEIRA

O retrato que orna esta edição, fazendo honra ao conceituado estabelecimento do Sr. Pedro da Silveira, póde rivalisar com os melhores de Pariz e Londres.

O corajoso editor do *Guarany* de José de Alencar, não satisfeito com ser o introductor das photographias a carvão, entre nós, acaba de abrir novas officinas no seu vasto estabelecimento, podendo apresentar, além dos productos da sua profissão, em que é insigne, esmerados trabalhos de phototypia, similigravura e photogravura, em nada inferiores aos que actualmente nos chegam da Europa.

Traçando estas ligeiras linhas, presto apenas a homenagem da minha admiração ao artista infatigavel, que não se tem poupado a esforços e despesas para dar ao publico fluminense um estabelecimento digno de figurar no numero dos principaes da Europa e dos Estados Unidos.

O SONHO DOS SONHOS—Pag. 17.

Offereço este soneto a um dos amigos que mais estimo, o Dr. Annibal Falcão, escriptor e poeta de um talento extraordinario, de uma illustração surprehendente e de um caracter adoravel.

Apparecendo este modesto trabalho no n.º 460 da *Revista Illustrada*, alcançou a fina distincção de ser litteralmente traduzido para o italiano, pela illustrada esposa do meu intelligente amigo Julio Rossi.

No limitado numero das senhoras que privam na intimidade das Musas, destaca-se brilhantemente a personalidade distincta d'essa illustre senhora, que, aos dons do espirito, reúne as virtudes do coração.

Trasladando para aqui a sua preciosa gentileza, significo o meu sincero reconhecimento por tão generosa distincção aos meus obscuros versos.

Eis a bellissima traducção da Exma. Sra. D. Rosa Rossi :

IL SOGNO DEI SOGNI

(MUCIO TEIXEIRA)

*Quanto più lancio lo sguardo al passato,
Più lamento di non aver atteso
A tanto bene — così mal compreso,
A tanto mal — si ben ricompensato!...*

*Invan rivolgo lo stanco sguardo mio
Per l'oscuro cammino già percorso;
Errai tanto — si presto... che già perso
Vedo, tutto ciò che viddi, senza l'io!*

*E così siego sempre più avante,
Vedendo, ciò che bramo, più distante;
Senz'aver nulla—di tutto quel che avea...*

*Quanto più lancio lo sguardo al passato,
Credo la vita—sogno mal sognato
Di chi nè sogna, che a sognar vivea!*

ROSA ROSSI.

A AURORA—Pag. 19.

Escrevi estes versos na fazenda do meu velho amigo Barão de Cantagallo, a quem consagrei a collecção (ainda inédita) de *Poemas da Fazenda*, de que elles faziam parte, pelo simples facto de serem escriptos nas mo-tanhas; mas, não sendo uma pintura local, nem descrevendo costumes, resolvi dar-lhes a collocação que me pareceu preferivel.

Consagrando-os ao poeta dos *Rumores Vulcanicos* e das *Vibrações do Seculo*, o notavel philosopho e positivista Teixeira Bastos presto-lhe a dupla homenagem da minha admiração pelo seu talento e reconhecimento pelo criterio com que analysou os meus modestos livros — *Prismas e Vibrações*, *Fausto e Margarida* e *Novos Ideaes*.

A MULHER—Pag. 29.

Offerecendo esta poesia ao conselheiro Franklin Doria, eminente litterato e peregrino poeta, presto ao mesmo

tempo uma homenagem de admiração e estima á sua esposa, a Exma. Sra. D. Amanda Paranaguá Doria, uma das senhoras mais illustradas da fina flôr da nossa sociedade.

Junqueira Freire, o joven poeta-philosopho, tão cedo arrebatado ás nossas lettras, dizia, em 1852, offerecendo a Franklin Doria uma das suas *Inspirações do Claustro* :

« O joven, a quem é dedicada esta mesquinha composição, conta apenas dezeseite a dezoito annos. Eu deposito sobre o talento d'este moço as mais formosas esperanças. Nem uma de suas poesias viu ainda luz publica. Entretanto tem já em sua voluntaria obscuridade produzido algumas que lhe mereceráõ o salve de poeta, logo que apparecerem. »

Trinta e cinco annos são decorridos, e o entusiasmo do confrade ostenta-se transformado em prophecia ; pois o conselheiro Doria, não satisfeito com occupar logar de honra entre os nossos homens de lettras, é um advogado notavel, um parlamentar illustre e talvez o estadista brasileiro de mais alevantado futuro.

Nosso commum amigo e meu illustrado mestre, o Dr. Castro Lopes, verteu para o latim os meus obscuros versos, mimoseando assim a mais modesta das Musas com uma das muitas gemmas do seu precioso escriptorio.

Eis a traducção do illustrado Dr. Castro Lopes :

MULIER

(MUCIUS TEIXEIRA CONSILIARIO FRANKLIN DORIA)

*Ut rosa, sic poterit mulier formosa videri,
Pulchrâ nec terris quidquam pretiosius existat ;*

*Mens mala mutatur, mulier si casta refulget,
Quique videt, subito prosternitur ante pudicam ;*

*Si bona, vel conjux, mater, vel nata, sororque,
Flos, lux, et vblucris fiunt meliora per illam.*

*Tu vero, Vates, qui talia conjuge cernis,
Jam citharam pulsa; jam conjugis edito laudes.*

DR. CASTRO LOPES.

NINHO MYSTERIOSO — Pag. 25.

Em 1886 distribui entre amigos e conhecidos uma pequena collecção de versos meus, sob o título de *Verbenas*. Esta poesia acha-se n'essa brochura (paginas 28 a 30), e foi transcripta por varias folhas fluminenses e provincianas. Tempos depois fui agradavelmente surprehendido com uma admiravel traducção, que o distincto litterato e poeta hespanhol D. Carmelo Scoane fez d'esses obscuros versos para a suavíssima lingua de Calderon e Cervantes.

Para que possa ser devidamente apreciada a fidelidade da traducção, transcrevo-a aqui, convidando o leitor a cotejal-a com o meu original.

Eil-a :

NIDO MISTERIOSO

(MUCIO TEIXEIRA)

*Tengo un castillo escondido
Entre unos arbolados,
Como secretos guardados
Que son comprometedores;*

*Allí podré cautelarte
De las miradas ardientes,
Porque eunucos imprudentes
Intrigan nuestros amores.*

*Ante marmoreas columnas
Por altos portales cerrados,
Dos leones domesticados
Pasan las noches alerta;
Ora vagan, lentamente,
Por las calles de palmeras,
Contemplando horas enteras
La ancha estrada desierta...*

*Si escuchan, á horas muertas,
El rodar de mi carruaje,
Los dos me abren passage,
Siempre la clin encrespando;
Y del coche al bajar
Si acucian allí por la arena,
En cuanto que una sirena
En el lago lleva cantando.*

*Allí dentro — hay gran riqueza,
Hay mucha cosa esquisita
Que nadie ha visto, acredita,
Pero has de ver algun día...
Son los secretos tesoros
Que heredé de un visionario
— ¡ Que viajó solitario
En país de la Utopia!*

*Delante de grandes espejos
De salones alfombrados
Veras — por todos los lados —
Tu vulto reproducido;*

*Tus rizos y mis miradas,
Mis besos y tus encantos
Multiplicados por cuantos
No deja ver... tu vestido.*

*En mi castillo escondido,
Que tengo entre arbolados,
Como secretos guardados
Que son comprometedores ;
Ven aprisa á cautelarte
De las miradas ardientes :
Pues eunucos imprudentes
Envidian nuestros amores.*

1887.

CARMELO SCOANE.

SARAH BERNHARDT — Pag. 65.

Esta mulher é um genio aos caprichos de uma nevrose.

Vêl-a e ouvil-a é admiral-a; admiral-a, porém, não é simplesmente experimentar todas as violencias de um entusiasmo supremo, é alguma cousa mais do que sentirmos um deslumbramento, feridos pelos relampagos de mil surpresas.

Convicta da sua immortalidade, ella paira sobranceira e solitaria n'uma esphera tão alta e constellada, que as fulgurações da sua auréola, reflectidas no prisma das nossas apothéoses, queimam, como o ambiente em que vivem as salamandras; deslumbram como a transfiguração do Thabôr.

Peregrina do ideal, ferida profundamente pelo tédio da gloria, deve-lhe ser dolorosa e pungente a certeza fatal das leis do transformismo, a que não se furtam nem mesmo essas organizações excepcionaes, que, antes pelo contrario, fazem tamanho dispendio de emoções e de idéas, de vida e de sentimento!...

Sarah subiu aos ultimos degráus marmóreos do templo pagão da Arte: passou da estréa dos seus quinze annos á sagração dos ultimos annos d'este seculo, que ha de legar o seu nome aos seculos vindouros, n'uma ascensão vertiginosa e alada, como se tivesse saltado á anca do Pégaso, aos arrancos pelas encruzilhadas do tempo, com a garupa vergada ao peso das creações hugonianas, ferido pela roséta d'ouro das espóras do cavalleiro de *Esmeralda* e de *Dona Sol*...

Essa creatura estranha, de uma compleição franzina, que tem na voz os trinos dos passaros e no olhar os lampejos dos astros; esse delicado escrínio carnal dos diamantes da corôa de um Deus vaidoso de suas riquezas incalculaveis... não é mais do que um delicioso capricho da Natureza, a eterna creadôra, que de flôres adorna uma primavera, de gottas d'agua enche um oceano, e de tão delicada mulher fez o involucro de tantos e tão assombrosos prodígios geniaes.

Tudo n'ella é caprichoso, desde a fingida naturalidade dos gestos até á ruidosa ostentação de suas *toilettes* régias. A phrase para ella é um simples pretexto de que se serve maliciosa para nos convencer da eloquencia do seu olhar. Cada attitude que toma, de momento, póde servir de modelo á obra prodigiosa de um estatuario. Seus olhos fallam a linguagem mysteriosa das almas apaixonadas, e adivinha-se a dôr do seu coração pelas lagrimas da sua voz...

Depois de conquistar a sagração de Paris, poncto culminante a que attingem as celebridades universaes,

Sarah, como uma criança travessa que descesse a escadaria do palacio paterno, e se perdesse na sombra dos arvorêdos em busca de borboletas; mandou um dia afivelar as suas malas; deu a um príncipe russo, ou a um poeta romantico, a subída honra de lhe abotoar as luvas de viagem; encarregou ao *lord* mais *gentleman* e menos fleugmatico, que encontrára dias antes no *Bois* ou no *Sport*, de lhe deitar o binóculo a tiracollo; ordenou ao seu banqueiro que pagasse um milhão de francos de mulcta ao empregazario, se tentasse embargar-lhe o passo; tomou o expresso de Hespanha, o transatlantico de Londres, foi á Russia, á Turquia, á Italia, á Allemanha, aos Estados-Unidos... e veio ao Rio de Janeiro.

Na noite de sua festa artística, no S. Pedro de Alcantara, a 22 de Julho de 1886, escrevi estes versos, no proprio camarim da prodigiosa Actriz, e poucos instantes depois recitei-os do camarote do Conservatorio.

Foram publicados n' *O Paiz* do dia seguinte e alcançaram mais tarde a fina distincção de serem traduzidos para o francez pela inspirada e gentil poetisa parisiense M.^{elle} Alice de Chazot.

Eis a traducção :

SARAH BERNHARDT

(MUCIO TEIXEIRA)

« *Elle est là devant toi, peuple brésilien,*
 « *La femme qui surprit le vieux monde—et le tien,*
Celle qui répandit la gloire et la lumière,
 « *Soleil au firmament de l'art—et—nouvelle ère!..*

— « *Splendide vision! rêves de l'univers!*
Tu volas tes feux aux antres des enfers
 « *Et ta froideur de marbre à l'antique statue;*

Voyageuse des arts ! solitaire en la nue
 « Errante tu t'enfuis ; tes immortels rivaux
 « Sont dans la nécropole ouverte à leurs tombeaux !..

« Ici que viens tu faire au pays des montagnes ?
 Viens tu voir nos forêts ? nos étranges campagnes ?
 Ou bien... pour offusquer des soleils de tes yeux
 « De ce pays nouveau le soleil merveilleux !

« Autrefois, je croyais ; que dans les solitudes
 « De nos vierges forêts ; écoutant les préludes
 « De ce chant si suave et si doux des oiseaux
 « Qu'on ne pouvait entendre ailleurs des chants si beaux ;
 « Mais de ta douce voix écoutant la musique
 « Je compris qu'en ton cœur est ce chant mélodique !

« Peuple ! je t'applaudis, silencieux, ravi ;
 « Pour ton enthousiasme encore inassouvi
 « Qui t'a laissé sans force aux pieds de cette femme
 « Ainsi que le jaguar attaque par la lame
 « Qui lèche sa blessure et se roule au désert
 « Et dont la flèche est là dans le cœur entr'ouvert !..

« C'est la force domptée ici par la faiblesse
 « Les hommes — la valeur — et la femme l'ivresse ;
 « C'est la lutte sublime et bataille sans mort
 « Où, le beau s'impose aux ovations du fort !..

« Et surtout vient planer l'ange de la victoire
 Car elle est l'art français, le Génie et la Gloire !

« Et devant cette femme au talent merveilleux,
 « Mon front devient rêveur, mon esprit soucieux,
 « En la voyant passer triomphante : je pense
 Que la blonde Phoèbe malgré cette distance
 « Dans la nuit transparente agit ainsi la mer,
 Que son calme est troublé jusqu'en son gouffre amer

« *Sous le froid satellite enveloppé de brumes,*
 « *Le flot épuisé jette un tourbillon d'écumes.*

« *Salut ! femme sublime ! O prodige de l'art !*
 « *Salut ! O peuple heureux qui vis Sarah Bernhardt,*
Toi qui pus contempler de près ce grand génie
Que le Seigneur écoute en sa sphère infinie.

1886.

ALICE DE CHAZOT.

O AMOR—Pag. 39.

Esta poesia, bem como as que se intitulam *Primeira ausencia*, *Rival de Penelope* e *Escrinio por Escrínio*, são dos meus tempos de solteiro. Não as incluí nos livros anteriores por não as ter, então, commigo; á ultima vez que fui á minha provincia, onde as tinha escripto e deixado aos cuidados da pessoa que as inspirou, foram-me gentilmente restituídas; e, como assignalam um facto psychologico do período mais agitado da minha vida, collecciono-as, como um epithaphio na campa do passado.

TRAGEDIA NO OCEANO—Pag. 91.

Não ha noticia de sinístro mais horroroso, em mares brasileiros, do que a monstruosa hecatombe dos passageiros do paquete *Rio Apa*.

O *Paiz*, encarando friamente os factos que se relacionam com esse naufrágio nas costas do Rio-Grande do Sul, diz no seu n.º de 29 de Julho do corrente anno (1887):

« Os telegrammas que hoje publicamos ainda concernentes ao naufragio do *Rio Apa*, vêm augmentar a consternação causada por esse terrivel desastre e pôr em relevo a negligencia das autoridades e da companhia á qual pertencia o vapor.

« Pelo exame dos cadáveres, que começam a chegar ás praias do norte e do sul da barra do Rio Grande, se verifica :

« 1º que todos estão revestidos de colletes ou cintas salva-vidas.

« 2º que as victimas do naufragio rolaram com vida, durante alguns dias, na solidão do oceano.

« 3º que, pela conservação da existencia, posta em risco, ou pela concurrencia aos meios da salvação, ou talvez pela fome, houve luta sinistra e desesperada, apresentando alguns cadáveres ferimentos de punhaladas.

« 4º que, á vista da conservação dos corpos, após tantos dias depois do naufragio, e pelo exame dos mesmos é evidente que muitos pereceram por inanicação.

« Todas estas circumstancias, profundamente lamentaveis, eram previstas ou suppostas, muito antes que nos chegassem, como agora chegam, os horrorosos promenores dessa immensa catástrophe.

« O proprio facto de não apparecer um só cadaver, logo após o naufragio e quando já davam á costa alguns destroços do navio, malas e volumes de mercadorias, era indicio sufficiente para se presumir que nem todos haviam perecido instantaneamente e que, portanto, vagavam sobre as ondas, na esperança, infelizmente mallograda, de encontrar algum soccorro.

« Pelo que se sabe, os rebocadores que sahiram a barra limitaram-se a percorrer a costa, poucas milhas ao sul e ao norte da mesma barra.

« Não se mandou, porém, um só vapor fazer a exploração do oceano, quando, entretanto, era sabido e patente que o *Rio Apa* não tivera tempo e nem tinha força para amarrar-se muito, visto que a sua velocidade era apenas de 10 milhas por hora.

« Os caracteres que apresentam os cadáveres que agora são encontrados, denunciam eloquentemente a grandeza do sinistro e a incuria, a negligencia, a deshumanidade com que o governo e a companhia proprietaria do *Rio Apa* se houveram nessa desgraçada emergencia. »

LINS DE ALBUQUERQUE — Pag. 103.

Este infeliz rapaz viveu pobre e morreu cedo: teve o destino de quasi todos os nossos melhores poetas.

Era um formoso talento e um bello coração. Era um verdadeiro temperamento artistico, nimamente sensivel, nervoso, doentio.

Aos vinte annos de idade publicou um ligeiro volume de versos, a que deu o modesto titulo de *Filhos das Sombras* e de então para cá collaborou em muintas folhas litterarias, sendo por espaço de cinco annos redactor do *Mequetrefe*, onde deixou scintillantes artigos e primorosos versos.

Morreu, quasi repentinamente, a 22 de Setembro de 1886. Nos seus ultimos tempos fallava-me em colleccionar as suas poesias e publical-as com o titulo de *Ficções e Realidades*.

Não sei se conseguiu reunir aos seus manuscriptos os muintos trabalhos exparsos por varias folhas : quem se dêr ao trabalho de pôr em ordem os seus originaes e fazer imprimir a edição completa de suas obras pôsthumas, prestará um sério serviço á nossa litteratura.

Lins de Albuquerque era um *bohémio*... mas, na bohemia doirada dos heróes de Murger,* soube conservar immaculado o seu character altivo e conseguiu illustrar o seu grande talento.

Não resisto á tentação de trasladar para aqui as mimosas estrophes que Lins de Albuquerque consagròu ao meu Alvaro, quando *este nosso heróe* completou o seu primeiro anniversario.

Eil-as :

ALVARO MUCIO TEIXEIRA

*Eis um pequeno galante,
Destumbrante,
Scintillante,
Wlan !
Tem a alvura da açucena,
Lyrios a bôcca pequena,
Raios a fronte serena...
Mas inda não diz : mamã !*

*O herbe, talvez, de amanhã
Quando rufar ran-tan-plan
No seu tambor marcial...
Ai ! ai !
Será um Deus nos acuda !
Em casa tudo se muda :*

— *Oh! que barulho infernal!*
Diz a mamã carrancuda.
 — *Deixa, filha! não faz mal;*
Diz radiante o papai.

Eis um pequeno galante,
Deslumbrante,
Scintillante,
Wlan!
Tem a alvura da açucena,
Lyrios a bôcca pequena,
Raios a fronte serena...
Mas inda não diz: mamã!

LINS DE ALBUQUERQUE.

AFFONSO PEIXOTO — Pag. 105.

Nos Estados da União os senadores morrem moços e os poetas chegam á idade de Longfellow; no Brazil o senado é como que um viveiro de elephantes, emquanto que o Parnaso parece uma succursal do cemiterio.

O Dr. Affonso Monteiro Peixoto não conseguiu fugir á fatalidade, que pesa sobre os mais inspirados poetas brazileiros: morreu aos vinte e cinco annos de idade, na quadra em que se começa a viver!...

Nós eramos muinto amigos; e mais de uma vez pranteámos junctos a sorte d'aquelles que se apressam em fechar os olhos; e os quaes, na phrase do poeta helenico, são os *queridos dos Deuses*.

Affonsinho, como o chamavamos na intimidade, era uma d'essas creaturas angelicas, que apparecem para nos

deixar vêr passar pela terra alguma cousa que parece ser do céu; mas que, quando se vão de uma vez, é para nos encher a alma de saudades e tristezas profundas.

Como que o seu coração procurava disputar primasias ao seu espírito privilegiado. Meigo, justo e generoso, era retrahido e scismadôr, estudioso e infatigavel nas suas constantes investigações litterarias e scientificas.

Formou-se em sciencias jurídicas e sociaes, contando apenas dezenove annos de idade. Já então minava-lhe surdamente os pulmões a doença fatal a que veio a succumbir; comprehendeu, resignado, que cedo teria de desaparecer para sempre... e, conscio de que sómente lhe faltava um pouco mais de tempo para burilar o seu nome nos mármores da nossa historia litteraria, foi de uma sofreguidão invencivel em lêr e produzir, deixando numerosos manuscriptos, em prosa e verso, que seu inconsolavel pai, o meu presado amigo Barão de S. Domingos, pretende colligir e publicar, prestando assim a homenagem devida á sua memoria.

O mallogrado poeta morreu n'uma pequena cidade do interior, em S. Fidelis, onde seu pai era então o juiz de direito da comarca.

Limitado era o numero de seus admiradores no aca-nhado meio em que soffreu o trespasso; mas, ainda assim, os poucos homens de letras d'essa cidade prestaram-lhe as honras funebres, proferindo discursos juncto ao seu tumulo; e a *Gazeta da Comarca* consagrou um numero especial á sua memoria, no qual collaboraram os Drs. Oliveira e Silva, Laurindo Pitta, L. Tourinho, Alberto Veiga, conego Guaracyaba, F. J. dos Santos Peixoto de Souza, J. Claudiano, Oliveira Campos, Pinto Lara, Galdino da Veiga, Alfredo Peixoto (irmão de Affonso) e a Exma. Sra. D. Maria F. de Almeida e Silva.

D'essa polyanthéa funebre transplante para aqui algumas pétalas, das muitas saudades plantadas na terra que devora o seu corpo :

« Afonso Peixoto foi uma alma que amou e soffreu, errando pela terra em busca de ideias; atirando flôres e recolhendo espinhos; pedindo á dôr um prazer, á lagrima um sorriso, ao scepticismo uma crença, ao desanimo uma esperança; alma candida e pura, que sorria atravez do martyrio... — ALBERTO VEIGA.

Para elle, porém, desde muito, a vida era a tristeza debruçada sobre a campa da saudade. Conscio de que o seu fragil baixel sossobriria em meio da tempestade, as suas poesias repercutiam o som harmonioso, mas dorido e plangente, de uma harpa atirada á beira do caminho e cujas cordas se despedaçam uma a uma... — OLIVEIRA E SILVA JR.

Elle amava, soffrendo; e descrente, cantou. Amando, espalhou as pérolas de sua bondade infinita; cantando, fazia desabrochar um paraizo de esperanças douradas. Era uma dôr ensinando a bondade; era uma descrença aconselhando a esperança; e o corpo, a consumir-se, desapareceu pouco a pouco sob os trabalhos accumulados do seu espirito. — LAURINDO PITTA.

Quem não se recordará, mas com tristeza, da voz eloquente do orador, que arrebatava na tribuna; do jornalista que illustrava a nossa imprensa, do poeta meigo e sublime, que immortalisava em seus cantos — O Amor, a Familia e a Patria?!...

... nos ultimos momentos, agonisante, cego da vista do corpo, — mas vendo com os olhos d'alma; percebendo a Eternidade, tranquillo, caminhando sem duvida para o céu, elle pronunciou estas palavras:

— *Quasi que nada vejo... Vai me faltando a voz... Mas isto é um bom signal...*

Signal de que o justo, que se afastava de nós, entrava no mundo dos redivivos sagrados! — PINTO LARA. »

O CANTICO DA ESCRAVIDÃO — Pag. 115.

Estes versos foram escriptos para o drama *Corja Opulenta* de Joaquim Nunes, que me foi generosamente dedicado por seu distinctissimo auctor.

Joaquim Nunes é um dos nomes mais calumniados pela perversidade de uns e pela ignorancia de outros; bem poucos o comprehendem; no entanto eu não conheço outro mais digno de estima e respeito.

Quero crer que a guerra que lhe movem não seja devída unicamente á sua estréa litteraria, pouco auspi-

ciosa; pois, n'esse caso, teria cessado diante dos progressos que tem feito o modesto dramaturgo; o que me parece uma triste verdade é que a sua inglória profissão commercial é o Caucaso a que pretendem algemal-o... os que preferem a *bohemia* dos cafés da rua do Ouvidor a um meio de vida honesto, por mais obscuro que seja.

Joaquim Nunes não póde ser um dramaturgo, no Rio de Janeiro, — porque é o proprietario de uma barbearia; e na França: Beranger foi typographo; Jasmin, cabelleiro; Durand, marceneiro; Magú, tecelão; Reboul, padeiro; Poncy, pedreiro; Lapointe, sapateiro e Maria Carpentier — costureira.

Esses *criticos* do modesto dramaturgo parecem-se muinto com os inglezes encervejados, que davam á porta do theatro os seus cavallos a Shakspeare, julgando-se, por isso, superiores ao immortal poeta de *Romeu e Julieta*, do *Othelo* e do *Hamleto*.

O LEÃO ENFERMO — Pag. 125.

Esta poesia é o verso de uma medalha cujo reverso só poderá apparecer depois do restabelecimento completo de S. M. o Sr. D. Pedro II.

Consagrando a primeira parte á Filha Extremosa, seria uma injustiça não inscrever na parte final o nome do medico dedicado, que com suas luzes conseguiu vencer os violentos accessos da tenaz enfermidade, que obrigou S. M. o Imperador a não poder continuar na direcção dos destinos do Estado, sendo mister ausentar-se temporariamente do seu Imperio.

Consagrando a segunda parte d'esta poesia ao meu illustre amigo Visconde de Motta Maia, orgulho-me por

vêr que seus esforços scientificos foram coroados de applausos pelas maiores celebridades medicas da França e da Allemanha, as quaes foram unanimes em concordar com o diagnostico e prognostico do notavel clinico brasileiro.

O CANTICO DOS CANTICOS — Pag. 147 a 207.

Cesar Cantu, referindo-se a este drama pastoril, que é considerado a obra mais importante da litteratura profana dos hebreus, diz :

« *O Cantico dos Canticos* já andou e ainda anda incluído nos livros sagrados, em parte por homenagem ao seu *supposto auctor*, Salomão, em parte porque se julgou ser um escripto allegorico, partindo-se do principio de que o sabio rei não podia ter malbaratado a sua sabedoria compondo poemas eroticos. Mas anda incluído indevidamente. Foi Flavio José quem primeiro o mencionou entre os livros chamados divinos.

Os livros antigos eram altamente venerados desde o tempo dos Machabeus, e *O Cantico* tinha direito a essa veneração pela sua antiguidade. Mas não o tinha pelo assumpto apparente. Tratava de amôr, e, ao que parecia, de amôr humano, voluptuoso, sexual.

. appareceram interpretações, ora poeticas e engenhasas, ora insignificantes e ridiculas, mas sempre aventurosas. Após os interpretes judeus appareceram os christãos. Origenes aventurou uma explicação completa da obra, declarando que o amôr, que nella transpirava, só podia ser o amôr divino, e que o *Cantico* era, portanto, o epithalamio da Igreja com o seu celeste esposo, Jesus Christo. Posteriormente, a Sulamita foi identificada com

a Maria. E, mercê destas piedosas mas absurdas exegeses, o drama conservou-se encorporado com os *Psalms* e as *Prophécias* na veneranda Biblia.

Está lá devidamente, na opinião de Niebuhr. Conta-se que este erudito critico, interpellado por um sacerdote, a quem repugnava admittir no canon bíblico um cantico de amôr, respondeu com vivacidade: « Pois eu julgaria que faltava alguma cousa á Biblia, se não houvesse nella uma expressão para o mais profundo e vehemente sentimento da humanidade. »

Expressão de amôr, e das mais eloquentes, é em verdade *O Cantico dos Canticos*. Dissémos que é um drama, e estribámo-nos para o dizer na opinião de muintos críticos, e especialmente na de Renan. Este illustre hebraisante julgou-se habilitado para, com acerto, dividir e separar o dialogo, que na versão correntia do poema desapareceu, e dar-lhe a fórma dramatica primitiva.

O meu drama em verso é paraphraseado da traducção em prosa de Ernesto Renan, com as rubricas explicativas.

ACTO I, SCENA I— Pag. 154.

A SULAMITA

..... me deixavam
 Nos campos guardando as vinhas.
 Eu mil modos empreguei
 Por bem guardal-as; eu tinha
 Tal intenção: mas a minha...
 Ai d'ella me descuidei!...

Isto é, a sua honra de donzella. Allude á surpresa de que foi victima. (*Vide* o Acto 5º, scena II, pag. 197).

* RENAN— *Estudo sobre o Cantico dos Canticos*, pag. 146 — 147.

SCENA III—Pag. 159.

A SULAMITA

*. . . o nosso leito de folhas
É de flôres perfumado.*

Volve com o pensamento aos tempos em que estava na aldeia.

SCENA IV—Pag. 159.

A SULAMITA

*Sou a rosa dos sylvedos,
Sou o lyrio de Saron !*

A Sulamita canta esta cópla, que provavelmente fazia parte de uma canção popular, para tranquillisar o amante ácerca da sua fidelidade e revelar-lhe a sua presença. (*Vide Acto 2º, scena II*).

ACTO II, SCENA I—Pag. 166.

A SULAMITA

*Arma o laço ás raposinhas,
Arma o laço, b caçadôr,
Que ellas devastam as vinhas...
E eu tenho uma vinha em flôr !*

Canta uma canção de primavera para que o amante a reconheça.

ACTO III, SCENA III — Pag. 177.

O PASTOR

*A mim, a mim, querida da minh'alma !
 Desce d'ahi — do píncaro elevado
 D'esse Líbano escuro... e ao meu lado
 Vem vér nos ermos como a noite é calma !*

O Líbano e as imagens seguintes (caverna dos leões e montanhas dos leopardos), representam as eminências inacessíveis do palacio, e os perigos que n'elle corre a innocência da sua amada.

ACTO IV, SCENA I — Pag. 187.

A SULAMITA

*O meu amado desaparecêra...
 Tinha fugido !
 E o brando som da sua voz morrêra
 No meu ouvido...*

O Pastôr corresponde com uma brincadeira á da Sulamita.

ACTO V, SCENA I — Pag. 193 a 194.

SALOMÃO

*Minha amiga, tu és linda
 Como Thersa; e mais ainda
 Que a bella Jerusalém !
 És formosa ! mas também
 És terrível e bravia*

*N'esses teus ímpetos fortes,
E a tua chiblera aterra
Como as tremendas cohortes
E toda a cavallaria
D'um grande exercito em guerra!*

Por que resiste.

SCENA II—Pag. 197.

CORO

*E tão linda flôr da terra
É tão terrível e forte
Como a tremenda cohorte
Dos exercitos em guerra!*

O côro admira-se da altivez e resistencia da Sulamita.

SCENA II—Pag. 197.

A SULAMITA

*Imprudente que fui!... Nem presentia
Que o séquito do príncipe n'ess'hora
Passava estrada fóra...
Quiz vê-lo: e curiosa
Meti-me, na carreira,
Entre os seus carros, prendem-me: e saudosos
Eis-me aqui prisioneira!...*

Conta de que modo foi surprehendida, n'um passeio matutino, pela gente de Salomão.

SCENA II—Pag. 198.

UMA DANÇARINA

*Quem vai vêr a Sulamita,
Quando pôde contemplar
O meu corpo—que palpita
Nas danças que eu sei dançar?*

A dançarina mostra-se ciosa da impressão que produz a formosura da camponeza, e procura (n'uma dança de Mahanaim) attrahir a si a attenção do serralho.

Ha ainda um *Epilogo*, no texto hebraico, cuja scena passa-se em Sulem, n'um pavilhão ao fundo de um jardim e no qual os irmãos da Sulamita manifestam a intenção de vender a irmã a um harem. A Sulamita, então, zomba de Salomão e de seus irmãos, que não souberam guardal-a bem. « Isso, porém, é posterior á composição do poema, improprio, e derivado da significação allegorica que se lhe attribuiu », diz Ernesto Renan.

FIM DAS NOTAS



INDICE

<i>O meu Alvaro</i>	VII
<i>Á minha Filhinha</i>	XI

PENUMBRAS

<i>O Sonho dos Sonhos.</i>	17
<i>A Aurora</i>	19
<i>Tu... só tu !.</i>	23
<i>Ninho mysterioso</i>	25
<i>A Mulher</i>	29
<i>Dois Edificios.</i>	31

<i>A Lord Byron</i>	37
<i>O Amor</i>	39
<i>Purpura negra.</i>	43
<i>O Relógio</i>	45
<i>Numero dos Nocturnos.</i>	49
<i>Arvore Funesta.</i>	51
— <i>O Figurino e a Espada</i>	55
<i>A cruz de Atala</i>	57
→ <i>Serenata .</i>	61
<i>Á Sarah Bernhardt.</i>	65
→ <i>Primeira ausencia.</i>	69
<i>Onde se lê... lêa-se !.</i>	71
<i>Rival de Penelope.</i>	77
<i>In terminis.</i>	79
<i>Cortejo em grande gala</i>	83
<i>A uma Senhora catholica</i>	85
<i>Escrinio por escriptorio.</i>	89
<i>Tragedia no Oceano.</i>	91
— <i>Naufragio do coração.</i>	97
<i>13 de Setembro</i>	99
<i>Lins de Albuquerque.</i>	103
<i>Affonso Peixoto .</i>	105
<i>Quadro bíblico</i>	109
<i>Versos a um fêto</i>	111
<i>O Canto da Escravidão</i>	115

<i>Surge et ambula</i>	117
<i>Campo-Santo</i> .	123
<i>O Leão enfermo</i> .	125

IDYLLIO DE THEOCRITO

<i>Dialogo de Daphnis e a Donzella</i> .	131
--	-----

O CANTICO DOS CANTICOS

DRAMA EM VERSO

<i>Acto Primeiro</i>	151
<i>Acto Segundo</i> .	163
<i>Acto Terceiro</i>	171
<i>Acto Quarto</i>	185
<i>Acto Quinto</i>	193

NOTAS

<i>Poesias e Poemas</i> — 1886 a 1887.	211
<i>Phototypia de Pedro da Silveira</i>	212
<i>Il Sogno dei Sogno</i> (traducção italiana).	213
<i>A Aurora</i>	214
<i>Mulier</i> (traducção latina)	215
<i>Nido misterioso</i> (traducção hespanhola).	216

<i>A Sarah Bernhardt</i> (traducção franceza)	218
<i>O Amor</i>	222
<i>Tragedia no Oceano.</i>	222
<i>Lins de Albuquerque.</i>	223
<i>Affonso Peixoto.</i>	225
<i>O Canto da Escravidão</i>	227
<i>O Leão Enfermo</i>	228
<i>O Cantico dos Canticos.</i>	229





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).